

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

CAIO LOIOLA COUTINHO

**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO JORNALISMO OPINATIVO DO JORNAL
NACIONAL SOBRE A COVID-19**

UBERLÂNDIA - MG

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO JORNALISMO OPINATIVO DO JORNAL
NACIONAL SOBRE A COVID-19**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, como requisito exigido parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof^ª. Vanessa Matos dos Santos

UBERLÂNDIA - MG

2023

CAIO LOIOLA COUTINHO

**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO JORNALISMO DE OPINIÃO DO JORNAL
NACIONAL SOBRE A COVID-19**

Monografia apresentada como exigência parcial
para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo
pela Universidade Federal de Uberlândia.

Uberlândia, 5 de junho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr. Vanessa Matos dos Santos
Orientador – FACED/UFU

Prof^a. Nicoli Tassis dos Santos
Examinadora – FACED/UFU

Prof^a. Mirna Tonus
Examinadora – FACED/UFU

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha mãe, que sempre me apoiou em todos os momentos e me incentivou a buscar meus objetivos. Sem sua dedicação e amor incondicional, certamente eu não estaria aqui hoje.

Também gostaria de agradecer aos meus amigos, que me ajudaram a manter a sanidade mental durante os momentos mais difíceis do processo de pesquisa e escrita. Seus conselhos e palavras de encorajamento foram fundamentais para que eu pudesse seguir em frente. Obrigado Bianca, Cristiane, Filippi, Lucas e Rodrigo.

Agradeço ainda aos professores Reynaldo Maximiano, Vanessa Matos dos Santos e Adriana Omena, que me acompanharam ao longo desse processo, pelos ensinamentos, sugestões e críticas construtivas que me permitiram aprimorar este trabalho.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os profissionais da saúde, e claro, da imprensa que se dedicaram a informar a população sobre a pandemia de Covid-19, em especial ao Jornal Nacional e seus editores, pelos materiais disponibilizados para a realização desta pesquisa.

A pandemia da Covid-19 não foi um período fácil para mim, mas posso afirmar com muita convicção que me fez crescer como ser humano. A conclusão deste trabalho é a prova viva que sobrevivi, e saí mais forte.

O meu muito obrigado a todos vocês.

*Dedico esta monografia a Francisco Moacir Coutinho e
Renan Loiola Coutinho.*

Resumo: A pandemia da Covid-19 foi um evento histórico de grande magnitude e que deixará marcas para sempre. O presente trabalho de conclusão de curso analisa o conteúdo de sete momentos opinativos do Jornal Nacional que trabalharam o tema. O objetivo desta monografia é analisar quais são as características do Jornal Nacional no jornalismo opinativo quando o tema é a Covid-19. Para isso, baseia-se em referenciais teóricos sobre jornalismo de opinião, como José Marques de Melo (2003), e adota-se o método indutivo de Análise de Conteúdo, proposto pela autora francesa Laurence Bardin (1977). A partir de um quadro categorial em acordo com os objetivos da pesquisa, pudemos descrever e avaliar as características e contribuições do telejornal para o debate público.

Palavras-chave: Editoriais, Jornalismo de Opinião, Jornal Nacional, Covid-19, Análise de Conteúdo

Abstract: The Covid-19 pandemic was a historic event of great magnitude that will leave lasting marks. This undergraduate thesis analyzes the content of the seven opinion editorials of Jornal Nacional that addressed the theme. The objective of this monograph is to analyze the posture of Jornal Nacional in relation to the Covid-19 pandemic in Brazil. To achieve this, theoretical references on opinion journalism are used, and the inductive method of Content Analysis, proposed by French author Laurence Bardin (1977), is adopted. Based on a categorical framework in accordance with the research objectives, we were able to describe and evaluate the characteristics and contributions of the newscast to public debate.

Keywords: Editorials, Opinion Journalism, Jornal Nacional, Covid-19, Analysis of the content.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- William Bonner e Renata Vasconcelos pedem calma	38
Quadro 2- Resposta à fala do então Ministro da Saúde	41
Quadro 3- Resposta à fala do então Ministro da Saúde	43
Quadro 4- O marco de 50 mil mortes por Covid-19 Parte 1.....	45
Quadro 5- O marco de 50 mil mortes por Covid-19 Parte 2	47
Quadro 6- O marco de 50 mil mortes por Covid-19 Parte 3	50
Quadro 7- Declarações de Bolsonaro sobre mortes de crianças com Covid-19.....	53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Categorias da televisão17

Tabela 2- Quadro de categorias: análise Jornal Nacional.....37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 TELEJORNALISMO E JORNALISMO DE OPINIÃO.....	12
2.1 Telejornalismo	12
2.2 Gênero opinativo — Do impresso ao Tele.....	16
2.3 O que há de opinião no telejornalismo?.....	21
3 JORNALISMO OPINATIVO NA TELEVISÃO BRASILEIRA.....	23
3.1 Estado da arte.....	23
3.2 Jornalismo Opinativo no JN	25
4 METODOLOGIA.....	31
4.1 Covid-19 e o Jornal Nacional	31
4.2 Recorte.....	32
4.3 Análise de Conteúdo.....	33
5 ANÁLISE.....	36
5.1 Quadro de categorias.....	36
5.2 Análise do jornalismo opinativo do Jornal Nacional.....	38
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	58

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo opinativo exerce um papel fundamental na sociedade contemporânea ao expressar perspectivas e análises sobre acontecimentos e questões de relevância pública. No contexto do telejornalismo, o Jornal Nacional destacou-se como um dos principais expoentes desse formato no Brasil. Diante da pandemia de Covid-19, essa forma de jornalismo ganha ainda mais destaque, pois influencia a maneira como a crise sanitária é comunicada, interpretada e debatida pela população.

Em abril de 2020, a Rede Globo comemorou o aumento da audiência do telejornal, que saltou de 42,4 milhões de pessoas para 54,4 milhões. Um crescimento de 28% no número de pessoas que acompanhavam diariamente o telejornal um mês após o início da pandemia¹.

Eu fui uma das pessoas que começaram a assistir o Jornal Nacional após o início da pandemia de Covid-19. Com a gestão do governo sendo bastante criticada, comecei a observar o telejornal realizando críticas, comentários, editoriais e outros momentos opinativos que tratavam da doença.

Em minha experiência como telespectador, o JN não costumava realizar esses momentos tão explicitamente. Por isso, comecei a acompanhar diariamente o programa e percebi que a opinião estava cada vez mais presente.

Dessa forma, surgiram alguns questionamentos: quais são as características do jornalismo opinativo presente no Jornal Nacional em relação à cobertura da Covid-19? Como o telejornal aborda a pandemia e seus desdobramentos de forma opinativa? Quais são os elementos utilizados pelo Jornal Nacional para expressar sua opinião sobre a crise sanitária? Essas perguntas são o fundamento desta monografia.

Este trabalho tem em vista analisar as características do jornalismo opinativo do Jornal Nacional em relação à Covid-19. Por meio de uma abordagem sistemática e embasada teoricamente na Análise de Conteúdo, busca-se compreender como o telejornalismo lida com a pandemia, identificando os elementos que permeiam sua cobertura opinativa.

No segundo capítulo, apresentamos o tema aos leitores, contextualizando a importância e atualidade do telejornalismo. Além disso, revelamos como o jornalismo opinativo é visto no meio impresso, e o contextualizamos para o telejornalismo.

No terceiro capítulo, apresentamos outros trabalhos acadêmicos que tiveram objetivos semelhantes e analisaram conteúdos opinativos no formato do telejornalismo. A partir dessa revisão de literatura, exploramos pesquisas que investigaram o jornalismo opinativo em diferentes contextos, identificando convergências e divergências em relação à nossa análise

¹ VEJA. Globo comemora audiência jovem no Jornal Nacional. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/globo-comemora-audiencia-jovem-no-jornal-nacional>. Acesso em 29 mai 2023.

sobre a cobertura da Covid-19 pelo Jornal Nacional.

O quarto capítulo aborda o método adotado nesta pesquisa e os procedimentos vivenciados. Destacamos a Análise de Conteúdo, proposta pela autora Laurence Bardin (1977), como o enfoque principal para a análise dos conteúdos opinativos veiculados pelo Jornal Nacional. Essa pesquisa é qualitativa e se baseia no método indutivo.

Apresentamos as etapas do processo de análise e como foram estabelecidos os critérios e categorias de análise específicas para a temática da Covid-19.

No quinto capítulo, realizamos a Análise de Conteúdo dos conteúdos opinativos do Jornal Nacional, utilizando um quadro de categorias previamente estabelecido. Exploramos as características do tom do editorial, o enquadramento acerca da pandemia, as críticas à postura do governo, a responsabilização e os argumentos de autoridade, buscando compreender como esses elementos se manifestam na cobertura da Covid-19 pelo telejornal.

O presente trabalho de pesquisa oferece contribuições significativas para futuras investigações sobre o jornalismo opinativo no contexto do telejornalismo.

Ao examinar as características e contribuições do jornalismo opinativo do Jornal Nacional, este estudo fornece uma base sólida para uma compreensão mais aprofundada desse formato de jornalismo na televisão, especialmente em relação a questões de relevância pública, como a pandemia.

Além disso, o estudo do jornalismo opinativo não se limita ao Jornal Nacional. Pesquisas futuras podem se beneficiar ao comparar a abordagem opinativa de outros telejornais, explorando semelhanças e diferenças na maneira como a pandemia é tratada por diferentes veículos de comunicação, enriquecendo assim a compreensão do fenômeno.

Uma área fértil para futuras pesquisas é a investigação do impacto que a cobertura opinativa do telejornalismo tem na formação de opinião pública e na percepção dos telespectadores. Com base na estrutura metodológica e teórica estabelecida neste trabalho, pesquisas futuras podem explorar o jornalismo opinativo em relação a outras temáticas relevantes, como política, meio ambiente, economia, entre outros. Isso permitiria uma compreensão mais ampla do papel e das características desse tipo de jornalismo em diferentes contextos.

2 TELEJORNALISMO E JORNALISMO DE OPINIÃO

2.1 Telejornalismo

A história do telejornalismo está diretamente ligada à história da televisão no Brasil. Em 19 de setembro de 1950, a TV Tupi transmitiu seu primeiro programa, que foi seguido, no dia posterior, pela estreia do primeiro telejornal da emissora. O programa, chamado "Imagens do Dia", era apresentado pelo locutor Ruy Rezende e trazia notícias locais para os telespectadores. A TV Tupi era o canal 3 na cidade de São Paulo e transmitia para pouco mais de 100 televisores (MELLO, 2009).

O modelo de veicular notícias na TV foi importado pelo empresário Assis Chateaubriand. Ele inaugurou a primeira emissora da América Latina (JAMBEIRO, 2002).

Quanto às origens históricas do tradicional telejornalismo no país, Piccinin (2008) aponta sobre a trajetória com reflexões sobre o jornalismo da Europa e dos Estados Unidos. Enquanto na Europa o jornalismo era caracterizado por ser engajado, partidário e analítico, os Estados Unidos criaram a escola do jornalismo "clean" (as aspas são de Piccinin, 2008), considerado asséptico, onde se defende os mitos da imparcialidade e da objetividade como verdades inabaláveis até hoje. No Brasil, devido às desigualdades sociais, o consumo - principalmente da televisão - e a referência à mídia se tornam ainda mais evidentes. Em 2022, 79% do tempo do consumo domiciliar entre brasileiros foi dedicado à televisão linear². (TVs aberta e paga). Nessa relação com o telejornal, o brasileiro e, grande parte dos telespectadores do mundo, traz em sua apreciação o jornalismo “tomado pela cartilha americana³, que trabalha sempre em defesa da objetividade e da imparcialidade” (PICCININ, 2008). Quanto à influência do jornalismo americano no Brasil, Mattos, (2000) diz:

Desde seu advento, na década de 50, a televisão brasileira tem sofrido influência americana, tanto na estrutura comercial como na produção importada dos Estados Unidos não apenas programas, mas idéias, temas, roteiros e técnicas administrativas. (MATTOS, 2000, p. 126).

Nos anos 50, vários telejornais se destacaram como pioneiros do formato⁴ (gênero), entre eles “Atualidades Montilla”, "Diário de S. Paulo na TV", "Edição Extra", "Reportagem Ducal", "Telejornal Bendix", "Telejornal Tupi" e "Telenotícias Panair".

² Meio & Mensagem. Conteúdo em vídeo alcançou 99% dos brasileiros em 2022. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/midia/conteudo-em-video-alcancou-99-dos-brasileiros-em-2022>. Acesso em: 23 mar. 2023.

³ Cartilha se refere aos primórdios do jornalismo.

⁴ *Formato* é nomenclatura própria do meio para identificar a *forma* e o *tipo* da produção de um gênero de programa de televisão (citar exemplo). *Formato* está sempre associado a um gênero. Exemplo: o formato editorial está associado ao gênero opinativo. SOUZA, José Carlos Aronchi de. Gêneros e formatos na televisão brasileira. São Paulo: Summus, 2015.

Baseando-nos nos estudos de Rezende (2010), que analisam os percursos do telejornalismo no Brasil e delinea-os a partir de sete momentos, destacamos as principais características de cada um deles. A primeira fase, que perdura dos anos 50 aos 60, é marcada por influências do radiojornalismo e do telejornal “Repórter Esso”.

Morgado (2020), em seu artigo sobre os 70 anos de TV e telejornalismo no Brasil, afirma que o “O Seu Repórter Esso” foi a grande primeira revolução nesse modelo de jornalismo. O telejornal foi lançado em 1952 e devido à ausência de redes nacionais, cada cidade possuía seu próprio “Repórter Esso”.

O “Repórter Esso” tinha características diretas que faziam referência ao radiojornalismo. Segundo Mello (2009), as frases eram longas e traziam muitos detalhes sobre os assuntos enfocados. Na transmissão da notícia, o locutor passava os acontecimentos como eles ocorriam e dava ao conteúdo todos os detalhes e adjetivos possíveis.

Apesar do formato ao vivo, o “Repórter Esso” não apresentava uma instantaneidade, já que havia um atraso de até 12 horas entre o acontecimento e sua exibição devido à demora na revelação e montagem do filme (REZENDE, 2010,). O programa também ficou conhecido pela ligação do conteúdo à estratégia econômica da emissora, por meio da presença do patrocinador do programa.

Rezende (2010) define a segunda fase do telejornalismo como a “busca da linguagem própria”, com o “Jornal da Vanguarda” sendo o grande pioneiro. Criado em 1963, nasceu como “Jornal da Excelsior”, no Rio de Janeiro, e só depois trocava de nomenclatura. Segundo Morgado (2020), o telejornal foi conhecido por colocar mais de dez profissionais no estúdio e também pelo bom humor e criatividade. Nomes como Cid Moreira e Villas-Bôas Corrêa foram revelados pelo programa.

A segunda fase (1960-1969) também foi marcada por perseguições da Ditadura Militar. Sobre os programas da época, Neves (2015, apud. ALVES, 2018) analisa os telejornais do início da década de 1970, a partir de tentativas de resistência ao regime militar. O ‘Vanguarda’ foi extinto em 1969, pouco depois do AI-5. Alves (2018) explica que a TV Excelsior, emissora que transmitia o programa, se posicionou resistente ao golpe militar e por isso enfrentou perseguição do governo até ser extinta.

Emissoras como a TV Bandeirantes e a TV Record foram destaque em ações de resistência contra a ditadura. Neves (2015) cita os telejornais como “Quem Tem Medo da Verdade” e o “Tempo de Notícias”, da TV Record, como exemplos. Ambos tiveram entrevistas e debates com a participação de jornalistas experientes. Na TV Bandeirantes, “Titulares da Notícia” também é citado, tendo imagens dinâmicas com movimento de câmera e reportagens críticas e mais longas (NEVES, 2015, p.38, apud MELLO, 2018).

O Brasil teve grandes influências da TV americana. Com o endurecimento da

censura no regime militar, a presença das características do telejornalismo dos Estados Unidos no país foi ainda maior. Sobre isso, Rezende (2020) afirma:

Ao tentar copiar o estilo e a forma, apenas no visual os informativos se parecem com o modelo. Dispensa-se a participação dos jornalistas como apresentadores e os locutores voltam a ocupar papel exclusivo na condição dos noticiários. (REZENDE, 2000, p. 108).

Em 1965, nasceu a TV Globo. O Grupo Globo já contava com veículos no impresso e em rádios. Na televisão, é referência em telejornais até o momento. O primeiro telejornal da emissora foi o Tele Globo, dirigido por Mauro Salles, que estreou no mesmo dia que a emissora (MORGADO, 2020). Um ano depois, foi criada a Central Globo de Jornalismo, núcleo que também existe presentemente.

Apenas 4 anos após a criação da emissora, nasce o Jornal Nacional, grande representante da terceira fase (1969-1983) do telejornalismo brasileiro, conforme a teoria de Rezende (2010), e foco desta monografia. O telejornal trouxe “a ideia de nacionalização e centralização de propriedade, produção e publicidade como marcas da sua estratégia comercial” (REZENDE, 2010, 59-60). Em 1969, com a transmissão via satélite e as ligações de micro-ondas, o JN consegue diminuir as distâncias (inter)nacionais, permitindo uma produção e transmissão em rede.

Com a marca de ser o primeiro jornal em rede do Brasil, sua primeira transmissão foi ao ar em 1 de setembro de 1969, chegando até as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília. Quanto à idealização do JN, Neves (2015) conclui:

A ideia era um programa diário, que entrasse ao vivo em vários estados, para estimular a filiação. [...] A direção do telejornal preparou um ‘processo industrial’ de noticiar e de produção das imagens instalando o padrão Globo de telejornalismo (NEVES, 2015, p. 39).

Outra característica da terceira fase, também conhecida como “telejornalismo em redes”, é o rigor imposto pela intervenção militar, com direito à censura e controle de informações. O JN teve influências diretas do governo neste momento. Outras informações relevantes sobre o histórico do telejornal serão tratadas no próximo capítulo.

O “Titulares da Notícia”, da TV Bandeirantes, e o “Rede Nacional de Notícias”, da TV Tupi, também fizeram parte desta fase dos telejornais e trouxeram grandes contribuições. O primeiro trazia notícias do interior paulistano com depoimento popular e valorização do trabalho do repórter, não importando as aparências e voz do profissional. Já o segundo possuía transmissão ao vivo com locutores de várias capitais enquadrados em primeiro plano e ao fundo o ambiente de redação (REZENDE, 2010, p.61 apud ALVES, 2018).

Em 1972, ainda nesta etapa, nasce o Jornal da Record, apresentado por Ricardo Carvalho. Na época, a TV Record era propriedade de Machado de Carvalho e Sílvio Santos. Morgado (2020) explica que apenas em 1989, depois que Edir Macedo comprou a emissora, a notícia foi transformada no principal ingrediente da programação.

Passando para a quarta fase (1983-1990) dos telejornais do país, Rezende (2010) a define como uma “alternativa no horário nobre” e traz como exemplo o “Jornal da Manchete”, veiculado pela até então existente TV Manchete. A emissora nasceu em junho de 1983, com 23% da sua programação de segunda a sexta composta por noticiários (MORGADO, 2020).

Segundo Mello (2015), o telejornal da Rede Manchete seguia modelos europeus e norte-americanos. Foi o primeiro telejornal brasileiro a adotar redação e *switcher*⁵ como cenário, além de ficar conhecido por uma busca das classes A e B (de acordo com dados do IBGE⁶) e por priorizar comentários - discussão que será aprofundada mais adiante - e análise de fatos.

A quinta fase do telejornalismo brasileiro é definida por Rezende (2010) como “ancoragem à brasileira” e vai de 1990 a 1997. Porém, o autor reconhece que em 1980, na TV Bandeirantes, Joelmir Beting já tinha sido o primeiro dessa leva (ALVES, 2018).

Alves (2018) cita ainda o “TJ Brasil”, do SBT, que contava com apresentação de Boris Casoy. O programa ficou conhecido pelos investimentos na modernização dos equipamentos e ilhas de edição e computação gráfica, que trouxeram novos visuais e vinhetas. Sobre o telejornal, Rezende (2010) relata:

Além de conduzir o noticiário, passou a fazer entrevistas e emitir comentários pessoais sobre os fatos. A resposta do público se refletiu logo no faturamento e o ‘TJ Brasil’ veio a se transformar no segundo produto do SBT e a atrair mais publicidade [...] (REZENDE, 2010, p. 68).

No livro “Jornal Nacional - Modo de Fazer”, o autor William Bonner (2004) (também apresentador e editor-chefe do telejornal) cita os apresentadores Joelmir Beting e Boris Casoy, pioneiros do quinto momento do telejornalismo brasileiro, num comentário sobre opiniões em telejornais. Como o próprio Jornal Nacional e o gênero opinativo são temas deste trabalho, a discussão será trabalhada mais adiante.

Já na sexta fase, ocorrida entre 1997 e 2022, a televisão por assinatura ganha força com o aparecimento de canais segmentados. O canal Globo News, que teve sua estreia em 15 de outubro de 1996, é tido como o representante da fase (REZENDE, 2010, p.73 apud ALVES,

⁵ Local que reúne todo o produto final jornalístico, depois de passar pela produção, reportagem e edição.

⁶ O IBGE usa o conceito de classes sociais, divididas em 5 categorias: A, B, C, D e E.

2018).

Outros canais tiveram destaque no telejornalismo da TV paga, como a Band News, criado em 2001. Em 2007, o lançamento da Record News, da TV Record, marca o primeiro canal exclusivo de notícias entre as emissoras abertas. A emissora é transmitida em UHF e em TV por assinatura a cabo (ALVES, 2018).

A última fase proposta por Rezende (2010) é chamada de “Novos modelos: paradigma” com dois programas em destaque: o Profissão Repórter e o CQC. A partir de 2002, Rezende vê no “Profissão Repórter” a prática do apuro investigativo e no programa “CQC”, da TV Bandeirantes, uma narrativa híbrida com a mescla de informação e entretenimento num tom irreverente dado às fontes (ALVES, 2018).

Outro ponto levantado pelo autor é a agressiva concorrência entre emissoras, como a TV Globo e a TV Record. Quanto a isso, Rezende (2010) afirma que a competição entre o Jornal Nacional e o Jornal da Record acionou a adoção de práticas de apuração em busca de furos de reportagem e da notícia mais espetacular. Mello (2018) lembra que o “Jornal da Record” passa a ser apresentado por uma dupla de jornalistas que tinha feito história no jornalismo da TV Globo: Celso Freitas e Adriana Lopes.

2.2 Gênero opinativo — Do impresso ao Tele

O presente subtópico trabalha com o conceito de “gênero” a partir dos estudos de José Marques de Melo em “Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro”, de 2003, “Gêneros jornalísticos no Brasil”, de 2010 e “Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório”, de 2016.

É importante destacar que os estudos de Melo usam o jornalismo impresso como modelo classificatório, já que é o meio jornalístico pioneiro no tema. Por isso, a obra de José Carlos Aronchi de Souza em “Gêneros e formatos na televisão brasileira” (2004) será trabalhada pela falta de estudos específicos sobre o gênero opinativo no formato *tele*. Quanto a isso, Melo (2016) afirma:

E igualmente é aceitável que classificações de gêneros praticados em suportes eletrônicos (REZENDE, 2000; TEMER, 2002) ou digitais (SEIXAS, 2009; BERTOCCHI, 2010) se baseiem em diagnósticos focados em veículos impressos. (MELO, 2016, p. 7).

O gênero opinativo no jornalismo teve sua história vinculada ao jornalismo impresso. Sua expansão é explicada por Melo (2003) porque a imprensa deixa de ser um empreendimento individual e se torna instituição, com caráter de organização complexa.

Com um maior fluxo de produção de informação e mais cadeias de trabalho, “existe uma abertura para a valoração das notícias possa ensejar a circulação de diferentes pontos de

vista” (MELO, 2003, p.22). A valoração é explicada a partir de quatro núcleos: empresa, jornalista, colaborador e leitor.

Ainda segundo Melo (2003, p.24), os gêneros jornalísticos “correspondem a um sistema de organização do trabalho cotidiano de codificação das mensagens de atualidade, a partir das formas de expressão adotadas nas empresas e refletindo em certo sentido o consenso corporativo”. O autor faz uma distribuição de formatos de gênero em cinco categorias que envolvem outras subcategorias.

Neste trabalho usaremos a categoria 2 “gênero opinativo”, que contempla, na perspectiva de Melo (2003): editoriais, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta e crônica. É essencial contextualizar os estudos de Melo para o telejornalismo, ainda que o próprio afirme que as classificações de gêneros em suportes eletrônicos possam ser baseadas em diagnósticos de veículos impressos.

Souza (2004) definiu que na televisão, antes de gêneros e formatos, há as categorias. Para o autor, a separação dos programas de televisão em categorias atende à necessidade de classificar os gêneros correspondentes.

As categorias dos programas de televisão no Brasil foram divididas em cinco: entretenimento, informação, educação, publicidade e outros. De acordo com Souza (2004), confira quais gêneros estão contemplados em cada categoria.

Tabela 1: Categorias da televisão

CATEGORIA	GÊNERO
Entretenimento	Auditório, Colunismo Social, Culinário, Desenho animado, Docudrama, Esportivo, Filme, Game <i>show</i> (competição), Humorístico, Infantil, Interativo, Musical, Novela, <i>Quiz Show</i> (perguntas e respostas), <i>Reality Show</i> (TV-realidade), Revista, Série, Série brasileira, <i>Sitcom</i> (comédia de situações), <i>Talk Show</i> , Teledramaturgia (ficção), Variedades, <i>Western</i> (faroeste)
Informação	Debate, Documentário, Entrevista, Telejornal
Educação	Educativo, Instrutivo
Publicidade	Chamada, Filme Comercial, Político, Sorteio, Telecompra
Outros	Especial, Eventos, Religioso

Fonte: Souza (2004).

Nesta monografia, usarei o gênero “Telejornal” da categoria “Informação”. Dentro de “Telejornal”, os estudos de Melo (2003) entram como base para o gênero opinativo. A partir

dos conceitos de editoriais, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta e crônica, será possível categorizar futuramente o jornalismo de opinião do Jornal Nacional.

Além disso, é necessário avaliar se os conceitos se aplicam ao formato televisivo.

Dentre os formatos do gênero opinativo, o editorial é definido por Melo (2003, p.36) como aquele “que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento”.

Quatro atributos constituem os editoriais, segundo Beltrão (1983): impessoalidade (não se trata de matéria assinada, portanto se usa a terceira pessoa do singular ou a primeira do plural); topicalidade (trata de um tema bem delimitado, mesmo que ainda não tenha adquirido configuração pública); condensalidade (poucas ideias, dando maior ênfase às afirmações que às demonstrações); plasticidade (flexibilidade, maleabilidade, não dogmatismo).

No radiojornalismo e telejornalismo, o editorial tem presença periódica. Quanto a ausência desse formato no jornalismo eletrônico, Zita de Andrade Lima afirma:

[...] isto se deve, entre outras razões, pelo receio da responsabilidade, escassez de bons editorialistas, ignorância do seu poder na formação da opinião pública e pouca dose de interesse no bem comum. (ANDRADE LIMA, 1970, p. 126-128).

A fala do autor é de 1970, mas ainda se faz valer atualmente já que a presença dos editoriais não é rotineira em telejornais.

Melo (2003) afirma que o editorial na televisão não tem fisionomia própria e sua estrutura segue a mesma elaboração que se publica em um jornal, com a adição da cena de locução.

Já o comentário está diretamente ligado aos telejornais. Muitos veículos de mídia associam conteúdo opinativo na televisão com comentários. O comentário é uma narrativa do cotidiano intimamente ligada à atualidade e é produzido com base nos fatos que estão ocorrendo. O comentário explica as notícias e suas consequências, mas nem sempre o comentarista emite uma opinião explícita. Seu julgamento é percebido pelo raciocínio que utiliza e pelos rumores da argumentação (MELO, 2003, p.115).

Uma característica inerente ao comentário, segundo Melo (2003), é a continuidade. Isso significa que os comentários são geralmente apresentados regularmente, como parte de um segmento recorrente em um telejornal. Isso permite que o comentarista desenvolva uma relação com o público e estabeleça sua credibilidade como fonte de opinião e análise.

Os comentários também podem ser usados para fornecer contexto e análise aprofundada sobre questões complexas ou em evolução. Por meio de comentários regulares, o comentarista pode ajudar o público a entender melhor as implicações e os desdobramentos de eventos importantes.

O artigo é um gênero opinativo que consiste em uma matéria escrita por um jornalista ou outra pessoa que desenvolve uma ideia e apresenta sua opinião sobre um tema atual. De

acordo com Melo (2003), um artigo precisa tratar de um tema atual e trazer explicitamente a opinião do autor.

Geralmente são mais longos e aprofundados do que outros tipos de conteúdo opinativo, como editoriais ou comentários. Os artigos podem ser publicados em jornais, revistas ou sites de notícias, por isso não se encaixa no telejornalismo, já que nem todas as informações e nuances de um artigo podem ser transmitidas em no segmento. Quanto a isso, Melo (2003) afirma:

[...] Sua expressão não ocorre no rádio e na televisão, pela natureza abstrata que possui, mesclando fatos e ideias, mas trabalhando sobre tudo os argumentos. (MELO, 2003, p. 127).

Já a resenha, também chamada de crítica, consiste em uma análise de um determinado assunto. Ela apresenta os pontos positivos e negativos do objeto analisado visando convencer o leitor ou telespectador. De acordo com Melo (2003), a resenha é um gênero jornalístico que avalia obras de arte ou produtos culturais para orientar a ação dos consumidores.

É possível visualizar uma adaptação para o telejornalismo. Por exemplo, um telejornal pode incluir um segmento em que um crítico ou especialista apresenta uma análise de um filme, livro, peça de teatro ou outro produto cultural e expressa sua opinião sobre ele. Esse tipo de segmento pode ser semelhante a uma resenha ou crítica em termos de conteúdo e estrutura, mas precisaria ser apresentado em um formato visual e verbal adequado para o telejornalismo. Entretanto, devido às inconsistências e falta de histórico, não usaremos a resenha na futura análise.

Quanto à coluna, Antunes (2009) afirma que ela representa um espaço destinado a uma miscelânea de informações, sendo comum a presença de notícias recentes que ainda não passaram por uma checagem mais aprofundada. Melo (2003) associa à coluna com o “furo jornalístico”, que é uma característica vista em telejornais.

A crônica, costumeiramente vista na literatura, é definida por Schneider (2010) como:

[...] A crônica enquanto gênero jornalístico apresenta especificidades, principalmente em se tratando de sua versão moderna. A crônica é um texto breve, para leitura rápida, entre um gole de café e outro, entre uma notícia e outra. Este caráter da crônica se deve ao fato dela não ter pretensões de durabilidade. Dessa forma, o cronista age de maneira mais “solta” e “leviana”, examinando os acontecimentos pelo ângulo subjetivo da interpretação. Eis a liberdade do cronista (SCHNEIDER, 2010, p.4).

No telejornalismo brasileiro, a crônica é um destaque principalmente no Jornal Hoje⁷, da TV Globo.

O próximo conceito é a caricatura, que segundo Antunes (2009, p.?) “é a crítica feita através de desenhos ou fotografias”. Quanto ao caráter imagético da caricatura, Vasconcelos

⁷ “Crônicas - Jornal Hoje”, G1, acessado em 04 de abril de 2023., <https://g1.globo.com/jornal-hoje/quadros/cronicas/>.

(2012) explica:

A produção de uma caricatura não se limita às características físicas do personagem, mas também está relacionada a aspectos referentes à personalidade e ao cotidiano de quem se pretende representar por meio dela. Os aspectos gráficos da produção são ferramentas importantes para a identificação do que está sendo trabalhado, incluindo o desenho, cores e cenários. (VASCONCELOS, 2012, p.02)

Sobre a existência da caricatura na televisão, Melo (2003) lembra que programas humorísticos resgatam com rapidez cenas e personagens da vida política e cultural do país e os reproduzem caricaturalmente, mas não fazem com sentido eminentemente jornalístico.

Por fim, Melo (2003) cita a carta como um recurso do público para expressar seus pontos de vista, suas reivindicações e sua emoção. Ela é chamada ainda por Antunes (2009) de “opinião do leitor”, que explica a diferença de nomenclatura:

A diferença entre ambos encontra-se no fato de que Beltrão (1980) também considera como espaço do leitor as modalidades de entrevista, enquete e depoimento. Enquanto Melo (2003) vê estas situações como captadoras de informação e não como meios para difusão de opinião. (ANTUNES, 2009, p.16)

Desta forma, para o contexto de um telejornal, a “opinião do leitor” é mais adequada. Como se trata de um meio do audiovisual, o ideal seria “opinião do telespectador”.

2.3 O que há de opinião no telejornalismo?

No último sub-capítulo, contextualizamos, a partir dos estudos de Melo (2003), o gênero opinativo do meio impresso para o telejornalismo. Entretanto, pelo caráter desta monografia, faz-se necessário um ampliamiento maior do tema para o meio televisivo.

Diferentemente do impresso, que é focado numa linguagem verbal, o telejornalismo contém diferentes elementos, como a linguagem não verbal. Neste capítulo, o foco é trazer os componentes exclusivos do telejornalismo para o jornalismo opinativo.

No artigo “Linguagem Corporal à Frente da Bancada: a colaboração do não-verbal no telejornalismo” (2010), a autora Pricila Aparecida Aita afirma que a linguagem não-verbal no telejornalismo é a corporal, que pode ser manifestada pela postura e gestuais do jornalista diante da câmara. A linguagem corporal desse profissional ganha ainda mais destaque quando ele se encontra em estúdio, sentado em uma bancada.

Em um momento de opinião em um telejornal, a linguagem não-verbal deve ser considerada. Embora muitas vezes não seja percebida pelo telespectador, ela tem grande colaboração no esforço de fechamento de sentido da mensagem (AITA, 2010).

Entrando no mérito da linguagem não-verbal, este subcapítulo vai elencar quais elementos do telejornalismo fazem parte do jornalismo opinativo, a fim de posteriormente analisar o Jornal Nacional com maior propriedade. Diante disso, trabalharemos a partir: cenário, imagem dos apresentadores (vestuário, etnia, sotaques, etc), dos gestos faciais e manuais, da

voz (entonação, tom, volume, etc) e dos enquadramentos de câmara.

Quanto à imagem dos apresentadores, Hagen (2009) afirma que eles são os primeiros e os últimos sujeitos que vemos no fluxo do telejornal, tornando-se sujeitos centrais da fidelização do público ao programa. Eles reforçam, pontuam ou introduzem as emoções discursivas presentes no corpo da reportagem.

Os gestos faciais estão sempre presentes na figura dos apresentadores. Kyrillos, Cotes e Feijó (2006, p. 82) atribuem à expressão facial a função de “[...] principal fonte de informação não-verbal, pois apresenta um grande potencial comunicativo, revelando estados emocionais”.

Aita (2011) classifica os gestos faciais dos apresentadores em tipos de meneios: cabeça, olhos, sobrancelhas, boca e lábios. Já os gestos manuais em: presença, ausência, excesso e gestos inadequados.

Em relação à voz, segundo Maciel (1995), ela desempenha papel importante na interpretação da notícia. Ao ler um texto, o apresentador deve estar preparado para empregar variações de dicção, tais como falar alto ou baixo, rápido ou devagar. No entanto, tendo em vista a natureza coloquial da TV, é necessário que o apresentador adote um tom de conversa, evitando tanto o exagerado volume quanto o sussurro, como salienta o autor.

O último elemento a ser trabalhado é o enquadramento. Os estudos de telejornalismo, conforme apresentados por Curado (2002) e Rezende (2000), destacam a relevância do enquadramento para a percepção e interpretação das linguagens não verbais apresentadas no telejornal. O fenômeno ocorre devido à capacidade da câmara fazer recortes do que será exibido para o espectador.

3 JORNALISMO OPINATIVO NA TELEVISÃO BRASILEIRA

3.1 Estado da arte

Como apresentado anteriormente, o telejornalismo contém elementos exclusivos quando o tema é jornalismo opinativo. Seleccionamos, entre eles: cenário, imagem dos apresentadores (vestuário, etnia, sotaques), dos gestos faciais e manuais, da voz (entonação, tom, volume) e dos enquadramentos de câmara.

Nas pesquisas acadêmicas realizadas para esta monografia, encontramos pouco material que faz a relação entre o jornalismo opinativo e a televisão. As análises costumam ser baseadas nos estudos de José Marques de Melo, que, como já dito, são voltadas para o impresso.

A fim de colaborar no assunto, neste subtópico apresentaremos alguns trabalhos que analisam telejornais brasileiros e a opinião dentro deles.

A pesquisa deste subcapítulo foi feita por meio da plataforma Google Acadêmicos. As palavras-chave foram “telejornalismo”, “opinião”, “jornalismo” e “opinativo”.

Os trabalhos seleccionados estão apenas na primeira página, já que não encontramos muitos. Estes são: “A Opinião no Telejornalismo: uma Análise do Editorial no Jornal da Globo” (2014), de Maurício Donavan Rodrigues Paniza e Florentina das Neves Souza; “O espaço opinativo no Telejornalismo brasileiro: um estudo de caso sobre o SBT Brasil”, de Rebeca Trece de Almeida e Iluska Maria da Silva Coutinho; “Jornal da Cultura: uma análise do modelo de telejornalismo opinativo e como a discussão deve ser inserida em um programa noticioso”, de Alan Barros e Aline Conde.

Em “A Opinião no Telejornalismo: uma Análise do Editorial no Jornal da Globo”, os autores investigam a existência e como se dá o formato editorial no Jornal da Globo, que é um dos formatos que trabalharemos neste trabalho.

Paniz e Souza (2014), estudaram cinco textos do Jornal da Globo e observaram como o tema, as pessoas envolvidas e o formato editorial são usados para apresentar a opinião do telejornal.

O artigo é embasado nas classificações de Beltrão (1980), Marques de Melo (1985) e Rezende (2009). Autores citados também aqui.

Visando realizar uma análise, Paniz e Souza (2014) utilizaram categorias para examinar o texto que abre cada edição do Jornal da Globo. Essas categorias incluem: (a) o tema abordado, (b) as personagens envolvidas e (c) os elementos que definem o formato editorial do programa. Para conduzir a pesquisa, foram analisados cinco textos transmitidos no início do Jornal da Globo durante o mês de outubro de 2013.

Ao final, os autores concluem que o Jornal da Globo realiza, sim, uso de editoriais. A análise foi pautada a partir dos textos veiculados na abertura do Jornal da Globo e a conclusão

é de que há emissão de posicionamento em relação aos assuntos noticiados. O uso de verbos e qualificativos foi a base para indicar que há opinião no telejornal.

Em “Jornal da Cultura: uma análise do modelo de telejornalismo opinativo e como a discussão deve ser inserida em um programa noticioso”, a análise se dá de outra maneira: com a apresentação de características do formato diferenciado do programa, como a linguagem, o figurino e as especialidades presentes nas reportagens.

Barros e Conde (2012) apresentam capítulos que analisam os recursos da linguagem verbal, da linguagem audiovisual, do figurino e da estrutura de apresentação da notícia. Eles terminam o artigo com reflexões a respeito da utilização constante da opinião no telejornal e como o uso desta pode contribuir ou prejudicar a formação do pensamento crítico do telespectador.

Já em “O espaço opinativo no Telejornalismo brasileiro: um estudo de caso sobre o SBT Brasil”, a partir de cinco edições do programa, veiculadas entre os dias 06 e 10 de maio de 2013, os autores têm como objetivo observar se o espaço opinativo está presente atualmente no telejornalismo brasileiro.

A análise de Almeida e Coutinho (2013) é inteiramente feita a partir das chamadas iniciais do telejornal, dos títulos das notícias durante as imagens, e de uma classificação das editoriais das reportagens. O uso de adjetivos também é tido como relevante para a análise.

Ao final, os autores concluem que o SBT Brasil assume um caráter opinativo e questionador, trabalhando diretamente com o formato de jornalismo opinativo. Segundo eles, “o telejornal reflete sobre o que informa e estimula o público a pensar sobre as informações que consome”.

Concluindo, os três trabalhos aqui apresentados conduzem análises de telejornais brasileiros em emissoras diferentes. Isso se explica pelo fato de que o jornalismo opinativo ainda não foi devidamente classificado para a televisão.

Posteriormente, nesta monografia, usaremos de nossa própria análise.

3.2 Jornalismo Opinativo no JN

O Jornal Nacional é o principal telejornal da Rede Globo, uma das maiores emissoras de televisão do Brasil. Ele foi ao ar pela primeira vez em 1º de setembro de 1969.

Neste subcapítulo, apresentaremos um pouco da história do telejornal, dando ênfase a momentos em que o jornalismo opinativo foi presente. Estes momentos, entretanto, se

mostraram raros. No artigo “A opinião no telejornalismo: uma análise sobre um gênero relutante” , Ana Carolina Temer (2009, p.114) declara que o “Jornal Nacional tem ampla maioria - a quase totalidade - de matérias informativas. Apenas quebram o padrão comentários esportivos e crônicas esporádicas”

A análise de Temer foi realizada em 2009, então é importante considerar sua análise apenas para este período. Entretanto, como o JN tem mais de 50 anos de história, mostraremos outros momentos em que a opinião foi presente - mesmo que rara.

O site “Memória Globo” será usado como referência neste subcapítulo, juntamente com os livros “Jornal Nacional: A notícia faz história” (2004) de Jorge Zahar e “Jornal Nacional: Modo de Fazer” (2009), de William Bonner, editor-chefe e apresentador do telejornal. O subcapítulo também teve auxílio da plataforma YouTube.

De acordo com Gomes (2005), o JN sofreu várias transformações ao longo dos anos: modernizou-se o cenário, inovaram-se as vinhetas, mudaram os apresentadores, polêmicas e crises de credibilidade aconteceram, mas ele permanece o telejornal de maior audiência do país e é o modelo de referência para o telejornalismo nacional.

A página da história do JN no site “Memória Globo” informa que o programa surgiu como um concorrente do “Repórter Esso”, exibido pela TV Tupi, iniciando um projeto de transformar a Globo na primeira rede de televisão do Brasil⁸.

No momento da estreia, uma novidade no roteiro chamou a atenção do público. Ao contrário do “Repórter Esso”, que reservava a notícia mais relevante para o final, o JN iniciava com informações importantes e atualizadas.

A Embratel inaugurou o Tronco Sul meses antes, possibilitando a integração de Rio, São Paulo, Porto Alegre e Curitiba por meio de um sistema de micro-ondas. Esse equipamento permitiu a conexão do estúdio à torre de transmissão da emissora através de sinais, possibilitando gerar uma programação uniforme para diversos estados e reduzir os custos de produção.

Ao ser transmitido do Rio para todas as emissoras da rede, o Jornal Nacional estabeleceu-se como o primeiro programa em rede nacional. Os jornalistas responsáveis pela produção do conteúdo rapidamente elevaram sua importância, atraindo um público significativo⁹. Na primeira edição, Hilton Gomes e Cid Moreira inauguraram o serviço noticioso anunciando sua integração com o Brasil moderno: "O Jornal Nacional, da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o país". Cid Moreira concluiu a transmissão, dizendo: "É o Brasil ao vivo aí na sua casa. Boa noite". O estilo do JN em seus primeiros anos era mais:

⁸ Fonte: Memória Globo. Jornal Nacional - História. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/historia/noticia/historia.ghtml>. Acesso em: 03 abr. 2023.

⁹G1 - Jornal Nacional. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/04/confira-historia-do-jn.html>. Acesso em: 03 abr. 2023.

[...] formal e engessado devido a diversos motivos: o surgimento no período de Ditadura Militar, quando havia muita censura sobre os veículos de comunicação; a busca pela credibilidade e pela construção de uma imagem confiável e transparente; o distanciamento dos apresentadores que, no princípio do telejornal, não participavam de todo o processo de produção do conteúdo noticiado, sendo apenas locutores (CARDOSO; CHINELATO e COUTINHO, 2013, p. 9)

Na década de 70, com a forte repressão da Ditadura Militar, o JN sofreu com censura. Zahar (2004) usa a fala da repórter Marilena Chiarelli para demonstrar como se dava a repressão ano de 1974, durante o governo de Ernesto Geisel:

“Você chegava na porta de um ministério, ficava esperando. Aí de repente o assessor de imprensa chegava com o *release* pronto. Todos os jornalistas de televisão, rádio e imprensa escrita recebiam o mesmo texto. Era muito difícil dar um furo, uma informação exclusiva. O repórter não tinha nenhuma margem de negociação [...]” (ZAHAR, 2004, p. 69)

Dois anos depois, em 1975, há um momento explícito de opinião no JN. A novela Roque Santeiro teve uma versão proibida¹⁰. A adaptação da novela já tinha sido registrada em 30 capítulos quando a Censura Federal descobriu que se tratava de uma versão do texto proibido anteriormente, O Berço do Herói, escrito por Dias Gomes em 1963.

Segundo o site Memória Globo, “no dia da proibição, o locutor Cid Moreira leu no Jornal Nacional um editorial assinado pelo presidente da Rede Globo, Roberto Marinho, anunciando o veto”. O editorial apresentava:

Desde janeiro que a novela Roque Santeiro vem sendo feita. Seria a primeira novela colorida do horário das oito da noite. Antecipando-se aos prazos legais, a Rede Globo entregou à Censura Federal o script dos vinte primeiros capítulos. No dia 4 de julho, finalmente o diretor de Censura de Diversões Públicas, Sr. Rogério Nunes, comunicava à Rede Globo: os vinte primeiros capítulos estavam aprovados para o horário das oito, “condicionados, porém — dizia o ofício — à verificação das gravações para obtenção das gravações para obtenção do certificado liberatório” O mesmo ofício apontava expressamente os cortes que deviam ser feitos e recomendava que os capítulos seguintes, a partir dos vinte já examinados, deviam manter — palavras textuais da Censura — “o mesmo nível apresentado até agora”. Todos os cortes determinados pela Censura foram feitos. A Rede Globo empregou todos os seus recursos técnicos e pessoais na produção da novela Roque Santeiro. Contratou artistas, contratou diretores, contratou cenógrafos, maquiladores, montou uma cidade em Barra de Guaratiba, enfim, a Globo mobilizou um grandioso conjunto de valores que hoje é necessário à realização de uma novela no padrão da Globo. Foram mais de quinhentas horas de gravação, das quais resultaram os vinte primeiros capítulos, devidamente submetidos à Censura. Depois de examinar detidamente os capítulos gravados, o Departamento de Censura decidiu: a novela estava liberada, mas só para depois das dez da noite. Assim mesmo, com novos cortes. Cortes que desfiguravam completamente a novela. Assim, a Rede Globo, que até o último momento tentou vencer todas as dificuldades, vê-se forçada a cancelar a novela Roque Santeiro. No lugar de “Roque Santeiro, entra em reapresentação, e em capítulos concentrados, a novela Selva de Pedra, com Regina Duarte e Francisco Cuoco. Dentro de alguns dias, porém — esse é um compromisso que assumimos com o público — a Rede Globo estará com uma novela no horário das oito. Para isso começou hoje mesmo a mobilização de todo patrimônio: o elenco de artistas, os técnicos, os produtores, enfim, todos os profissionais que aqui trabalham, com o ânimo de apurar cada vez mais a qualidade da telenovela brasileira. Foi desse ideal

¹⁰ GLOBO, Memória. Roque Santeiro. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/roque-santeiro/noticia/roque-santeiro.ghtml>. Acesso em: 24 abr. 2023.

de qualidade que nasceu Roque Santeiro e é precisamente com esse mesmo ideal, que dentro de alguns dias, a Globo estará apresentando no horário das oito da noite, uma novela — esperamos — de nível artístico ainda melhor que Roque Santeiro. (BOLETIM REDE GLOBO, 30/08-05/09/1975).

Em 1977, o telejornal teve a primeira entrada ao vivo de um repórter. Glória Maria estreou os equipamentos portáteis de geração de imagens mostrando a movimentação de carros no Rio de Janeiro.

A década de 80 foi marcada pela presença de comentaristas no JN. Segundo Zahar (2004), em 1981 Paulo Francis opinava, diretamente de Nova Iork, sobre assuntos internacionais, como política, arte e cultura. Em 1988, Alexandre Garcia começou a fazer comentários sobre política. Na obra de Zahar, ele comenta como era sua participação:

“Eu não dava minha opinião pessoal, mas fazia uma interpretação, procurava ajudar as pessoas a pensarem a respeito de um assunto, mostrando os diferentes lados da questão, estimulando o espírito crítico de telespectador, jamais dizendo ‘isso é bom’ ou ‘isso é ruim’, porque aí seria juiz e não comentarista. Eu procurava mostrar os bastidores da notícia, contando o que havia por trás do fato que o repórter acabara de mostrar na reportagem” (ZAHAR, 2004, p. 188)

Em 1989, a participação de comentaristas especializados começou a ser mais presente, como Paulo Henrique Amorim, Lilian White Fibe e Joelmir Beting. Zahar (2004) esclarece que “eles contextualizam e explicavam para os telespectadores, numa linguagem simples, as informações políticas e econômicas”.

Em certo momento, os comentaristas “ganharam as ruas e passaram falar seus textos em cenários variados” (ZAHAR, 2004). A ideia era dar mais flexibilidade ao telejornal e tornar a atuação dos jornalistas mais descontraída, com o uso também de uma linguagem mais coloquial.

A participação dos comentaristas é enriquecida pela página exclusiva destes no site “Memória Globo”¹¹. Com a chegada de Evandro Carlos de Andrade à chefia do Jornalismo nos anos 90, o Jornal Nacional passou por transformações significativas. Novos segmentos foram criados, com a colaboração de especialistas em diversas áreas. Galvão Bueno foi convidado para comentar sobre esportes, enquanto o meteorologista Carlos Magno assumiu a apresentação da previsão do tempo.

Arnaldo Jabor também se juntou à equipe do telejornal, trazendo comentários sobre uma variedade de temas, desde a gravação do vídeo do cantor Michael Jackson na favela Santa Marta em fevereiro de 1996, até o acordo entre o Brasil e os Estados Unidos para a utilização da base de lançamento de foguetes em Alcântara, no Maranhão, em abril de 2001. Jabor até mesmo comentou sobre futebol durante a Copa da França em junho de 1998.

Ainda na década de 90, outros momentos de opinião foram destaque por meio de editoriais. Em 1996, Cid Moreira havia deixado a bancada do telejornal, mas foi escalado para

¹¹ GLOBO. Comentaristas na bancada. Memória Globo. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/apresentadores/noticia/comentaristas-na-bancada.ghml>. Acesso em: 24 abr. 2023.

ler os editoriais. No dia 21 de maio daquele ano, o jornalista falou em editorial sobre a aprovação do Senado da emenda constitucional da CPMF, que entraria em votação na Câmara dos Deputados após a Reforma da Previdência¹².

Sobre um caso de violência policial conhecido como “Favela Naval”, em 31 de março de 1997, o já apresentador William Bonner leu um editorial sobre a violência praticada por policiais e cobrou atitude do governo e da justiça do estado de São Paulo. Dois dias depois, Cid Moreira também leu um editorial sobre o mesmo caso. Ambos estão disponíveis no Memória Globo¹³. Tragédias como o assassinato do jornalista Tim Lopes¹⁴ e a morte dos integrantes da banda Mamonas Assassinas¹⁵ também levaram o JN a realizar editoriais.

Entre março de 2003 e maio de 2006, o noticiário político do Jornal Nacional contou com a participação de Franklin Martins. Uma vez por semana, o jornalista trazia sua análise sobre os eventos políticos mais importantes do país, bem como sobre as principais medidas tomadas pelo governo e suas consequências.

Quanto a opinião no JN já neste século, o fenômeno foi ficando mais raro. Sobre isso, Bonner (2009) afirma que:

[...] Na televisão, quem não quiser saber a opinião do telejornal ou de seu editor-chefe não terá mais que três opções: ou desligar a TV, ou trocar de canal, ou emudecer o aparelho até que o comentário termine. Pessoalmente, como profissional de telejornalismo há quase 25 anos, devo confessar que essas três situações me provocam alteração no ritmo cardíaco, dor no baço e uma sudorese constrangedora. Os apresentadora do JN tem opinião? Sim, pode apostar. Sobre todos os assuntos. E as revelamos, sem nenhum problema, nas conversas com os amigos, nos encontros sociais e de trabalho. Mas outra coisa é importa essa opinião ao público telespectador sem que ele a tenha pedido. Os telespectadores do Jornal Nacional poderão dizer que já viram editoriais no JN. É fato. Os editoriais são raros, mas podem ocorrer em ocasiões nas quais a Rede Globo seja citada e considere necessário esclarecer sua posição, em respeito ao público. Editoriais também podem ser usados em ocasiões felizmente raríssimas, quando alguma liberdade fundamental do indivíduo esteja em risco. (BONNER, 2009, p. 243-244)

Em 2014, outro editorial foi lido por William Bonner, após a morte do cinegrafista Santiago Andrade. O profissional teve morte cerebral em 10 de fevereiro de 2014, quatro dias após ser atingido por um rojão disparado por um manifestante durante um protesto contra a alta da tarifa de ônibus no Rio de Janeiro. A íntegra lida por Bonner:

Não é só a imprensa que está de luto com a morte do nosso colega da TV Bandeirantes Santiago Andrade. É a sociedade. Jornalistas não são pessoas especiais, não são melhores nem piores do que os outros profissionais. Mas é essencial, numa democracia, um jornalismo profissional, que busque sempre a

¹² YOUTUBE. Cid Moreira Lê Editorial no Jornal Nacional - 21/05/1996. Êgon Bonfim, 12 jun. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2rZXrp8BAzQ>>. Acesso em: 24 abr. 2023.

¹³ GLOBO. Caso Favela Naval. Memória Globo. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/reportagens-e-entrevistas/noticia/caso-favela-naval.ghtml>. Acesso em: 24 abr. 2023.

¹⁴ GLOBO. Assassinato de Tim Lopes. Memória Globo. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/assassinato-de-tim-lobes/noticia/assassinato-de-tim-lobes.ghtml>. Acesso em: 24 abr. 2023.

¹⁵ GLOBO. Morte dos Mamonas Assassinas. Memória Globo. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/morte-dos-mamonas-assassinadas/noticia/morte-dos-mamonas-assassinadas.ghtml>. Acesso em: 24 abr. 2023.

isenção e a correção para informar o cidadão sobre o que está acontecendo. E o cidadão, informado de maneira ampla e plural, escolha o caminho que quer seguir. Sem cidadãos informados não existe democracia. Desde as primeiras grandes manifestações de junho, que reuniram milhões de cidadãos pacificamente no Brasil todo, grupos minoritários acrescentaram a elas o ingrediente desastroso da violência. E a cada nova manifestação, passaram a hostilizar jornalistas profissionais. Foi uma atitude autoritária, porque atacou a liberdade de expressão; e foi uma atitude suicida, porque sem os jornalistas profissionais, a nação não tem como tomar conhecimento amplo das manifestações que promove. Também a polícia errou - e muitas vezes. Em algumas, se excedeu de uma forma inaceitável contra os manifestantes; em outras, simplesmente decidiu se omitir. E, em todos esses casos, a imprensa denunciou. Ou o excesso ou a omissão. A violência é condenável sempre, venha de onde vier. Ela pode atingir um manifestante, um policial, um cidadão que está na rua e que não tem nada a ver com a manifestação. E pode atingir os jornalistas, que são os olhos e os ouvidos da sociedade. Toda vez que isso acontece, a sociedade perde, porque a violência resulta num cerceamento à liberdade de imprensa. Como um jornalista pode colher e divulgar as informações quando se vê entre paus e pedras e rojões de um lado, e bombas de efeito moral e bala de borracha de outro? Os brasileiros têm o direito de se manifestar, sem violência, quando quiserem, contra isso ou a favor daquilo. E o jornalismo profissional vai estar lá - sem tomar posição a favor de lado nenhum. Exatamente como o nosso colega Santiago Andrade estava fazendo na quinta-feira passada. Ele não estava ali protestando, nem combatendo o protesto. Ele estava trabalhando, para que os brasileiros fossem informados da manifestação contra o aumento das passagens de ônibus e pudessem formar, com suas próprias cabeças, uma opinião sobre o assunto. Mas a violência o feriu de morte aos 49 anos, no auge da experiência, cumprindo o dever profissional. O que se espera, agora, é que essa morte absurda leve racionalidade aos que contaminam as manifestações com a violência. A violência tira a vida de pessoas, machuca pessoas inocentes e impede o trabalho jornalístico, que é essencial - nós repetimos - essencial numa democracia. A Rede Globo se solidariza com a família de Santiago, lamenta a sua morte, e se junta a todos que exigem que os culpados sejam identificados, exemplarmente punidos. E que a polícia investigue se, por trás da violência, existe algo mais do que a pura irracionalidade". (BONNER, 2014)

Quanto ao Jornal Nacional atualmente, de acordo com Henriques e Leite (2018), o programa configura-se uma cena de maior informalidade e proximidade. Nas cabeças das reportagens, por exemplo, os apresentadores às vezes conversam entre si.

Em 2019, Renata Vasconcelos, atual apresentadora do JN ao lado de William Bonner, leu um editorial em forma de nota de repúdio contra Jair Bolsonaro. A partir daqui, em 2020, os editoriais e comentários do JN em relação à Covid-19 serão analisados e destrinchados por este trabalho.

Apesar da grande contribuição de José Marques de Melo na área para o jornalismo impresso, e mesmo com o autor afirmando que suas classificações servem para o meio eletrônico, fez-se necessário uma maior contextualização de como a opinião é vista no telejornalismo.

São poucas as obras que existem refletindo sobre as diferenças da opinião no impresso com outros meios, como o telejornalismo. Por isso, não foi uma tarefa fácil efetuar essa contextualização.

4 METODOLOGIA

Visando analisar e categorizar o jornalismo de opinião do Jornal Nacional durante a pandemia da Covid-19, essa monografia de pesquisa qualitativa se baseia no método indutivo de Análise de Conteúdo, proposta pela autora francesa Laurence Bardin.

Inicialmente, o pré-projeto foi elaborado, em agosto de 2020, determinando quais percursos metodológicos eu iria utilizar para responder a minha inquietação científica quando eu assistia os editoriais do Jornal Nacional. Na época, apenas três haviam sido veiculados desde o início da pandemia da Covid-19 (março de 2020).

Quando o pré-projeto foi feito, eu ainda não havia escolhido a Análise de Conteúdo. Já em 2022, ao lado da orientadora Vanessa Matos, escolhi esse método para a análise.

Para finalizar a graduação em Jornalismo na Universidade Federal de Uberlândia, uma das atividades obrigatórias é elaborar uma monografia. A isso se junta a minha motivação pessoal em estudar um assunto pouco explorado, mas muito atual.

Junto da escolha da Análise de Conteúdo, os estudos de José Marques de Melo citados anteriormente foram de extrema importância, já que ele é uma referência no tema.

4.1 Covid-19 e o Jornal Nacional

A pandemia da Covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. A doença foi identificada pela primeira vez em Wuhan, na China, em dezembro de 2019, e desde então se espalhou rapidamente pelo mundo. A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a Covid-19 uma pandemia global em março de 2020, quando o número de casos confirmados em todo o mundo começou a aumentar rapidamente. Até o dia 8 de maio de 2023, o Brasil tinha 702.116 mortes pela doença, além de 37.511.921 casos.

Quando a pandemia foi decretada pela OMS, me vi escolhendo o telejornalismo como uma fonte de informação. Não fui o único, já que segundo o Kantar Ibope, a audiência deste meio teve uma crescente¹⁶. Na época, uma pesquisa do Datafolha mostrou também que a TV liderava o nível de confiança sobre as notícias da Covid-19¹⁷, com 61%.

¹⁶ FOLHA DE SÃO PAULO. Audiência de telejornalismo explode durante crise do novo coronavírus. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/03/audiencia-de-telejornalismo-explode-durante-crise-do-novo-coronavirus.shtml>. Acesso em: 05 mai. 2023.

¹⁷ JORNAL NACIONAL. TVs e jornais lideram confiança do público sobre coronavírus, diz Datafolha. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/24/tvs-e-jornais-lideram-confianca-do-publico-sobre-coronavirus-diz->

4.2 Recorte

No escopo desta pesquisa, os momentos opinativos do Jornal Nacional foram identificados com o auxílio das redes sociais Facebook e Twitter, além da página oficial do telejornal.

No Facebook e no Twitter, usei a barra de pesquisa com as palavras “editoriais”, “comentários”, “opinião”, “Jair Bolsonaro”, “Covid-19”. A ferramenta dá a opção de filtrar por mês, e assim o fiz durante março de 2020 (mês em que a pandemia é iniciada) a julho de 2022.

Com essa ferramenta, consegui identificar previamente 8 momentos de opinião no Jornal Nacional. Grande parte deles estava em minha memória, o que facilitou a busca.

Após identificar a data dos acontecimentos, usei a página oficial do telejornal para realizar um download do vídeo de todos eles. Com o vídeo em mãos, transcrevi um por um e os armazenei em um Google Drive. O método de recorte e armazenamento foi baseado na teoria de Diana Rose em “Análise de Imagens em Movimento” (2002). Na obra, a autora afirma:

[...] não há um modo de coletar, transcrever e codificar um conjunto de dados que seja 'verdadeiro' com referência ao texto original. A questão, então, é ser o mais explícito possível, a respeito dos recursos que foram empregados pelos vários modos de translação e simplificação. (ROSE, 2002, p. 344)

Diana Rose também configura um passo a passo na análise de textos audiovisuais:

1. Escolher um referencial teórico e aplicá-lo ao objeto empírico.
2. Selecionar um referencial de amostragem — com base no tempo ou no conteúdo;
3. Selecionar um meio de identificar o objeto empírico no referencial de amostragem.
4. Construir regras para a transcrição do conjunto das informações visuais e verbais;
5. Desenvolver um referencial de codificação baseado na análise teórica e na leitura preliminar do conjunto de dados: que inclua regras para a análise, tanto do material visual, como do verbal; que contenha a possibilidade de desconfirmar a teoria; que inclua a análise da estrutura narrativa e do contexto, bem como das categorias semânticas;
6. Aplicar o referencial de codificação aos dados, transcritos em uma forma condizente com a translação numérica.
7. Construir tabelas de frequências para as unidades de análise, visuais e verbais.
8. Aplicar estatísticas simples, quando apropriadas.
9. Selecionar citações ilustrativas que complementem a análise numérica (ROSE, 2008, p. 362)

As contribuições de Diana serão úteis também posteriormente na análise proposta por este trabalho.

4.3 Análise de Conteúdo

No subtópico anterior, mostramos como o material foi armazenado e transcrito. Diana Rose (2008) cita em sua obra a Análise de Conteúdo, teoria que será usada nesta monografia.

A técnica da Análise de Conteúdo foi desenvolvida por volta dos anos 1950, mas seu progresso foi impulsionado significativamente por novos desafios metodológicos e pela evolução da tecnologia do computador, que trouxe novas formas de comunicação verbal e não verbal. Isso resultou em um aumento da utilização de elementos indutivos na análise de conteúdo, ao invés de uma abordagem puramente descritiva (CHANG; IKEDA, 2006).

A presente monografia utiliza o modelo proposto por Bardin (1977). De acordo com Barbosa Franco e Maria Laura Puglisi (2005), o processo de Análise de Conteúdo deve começar com uma pré-análise, que envolve a escolha do tema e a definição dos objetivos da pesquisa. Em seguida, o pesquisador deve descrever as características relevantes do conteúdo analisado. Por fim, a análise deve ser interpretada e inferida.

Com base no modelo de Bardin (1977), Silva e Fossá (2015) explicam que a Análise de Conteúdo consiste em um conjunto de técnicas metodológicas utilizadas para analisar diversos tipos de conteúdos, sejam eles verbais ou não-verbais. A importância do verbal e do não-verbal foi destacada previamente por ser um trabalho que analisa um produto televisivo.

A metodologia empregada nesta pesquisa é composta por três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, e inferência e interpretação. Cada uma dessas fases é composta por várias etapas que devem ser rigorosamente seguidas para garantir a validade e a confiabilidade da análise. Nesta monografia, o armazenamento dos conteúdos também faz parte de uma pré-análise. Durante a fase de pré-análise, o quadro teórico de referência deve orientar as ideias iniciais estabelecer os indicadores que serão usados para interpretar as informações coletadas.

Nesta etapa, é importante transcrever os áudios e vídeos (se houver) para organizar o material e familiarizar-se com ele.

A primeira etapa dessa fase é a leitura flutuante, que consiste no primeiro contato com o conteúdo coletado. É a hora de conhecer os textos e as informações disponíveis, e definir qual material será utilizado como corpus de análise. Com base na leitura inicial dos dados, o pesquisador poderá formular hipóteses e objetivos de pesquisa. Em seguida, é realizada a interpretação dos dados coletados (SILVA; FOSSÁ, 2015).

De acordo com Bardin (1977), a seleção de documentos para análise deve ser baseada na homogeneidade, ou seja, eles devem tratar do mesmo tema para permitir a comparação. Além disso, é importante que esses documentos sejam pertinentes aos objetivos da análise, ou seja, estejam diretamente relacionados ao propósito do estudo. A exaustividade também é essencial, garantindo que nenhum documento relevante seja deixado de fora da análise, de forma que o conjunto de documentos selecionados seja suficiente para o estudo em questão.

O tema escolhido aborda a Covid-19, assim como todos os momentos de jornalismo opinativo do Jornal Nacional tem a mesma temática, variando apenas entre quem é citado no assunto, como o ex-presidente Jair Bolsonaro. Portanto, o jornalismo opinativo do JN é

homogêneo, segundo a orientação de Bardin (1977). Ele também é pertinente porque está diretamente relacionado com os objetivos, ou seja, suas informações permitem responder às questões da pesquisa.

O aspecto da exaustividade também pode ser observado porque o tema da Covid-19 é trabalhado quase que incessantemente durante dois anos no telejornal.

Na segunda fase da Análise de Conteúdo, o material coletado é explorado através da codificação. De acordo com Bardin (1977), é necessário recortar o material em unidades de registro (como parágrafos em um texto) para identificar as palavras-chave que serão utilizadas para a codificação. É comum apresentar um quadro categorial para cumprir com esse requisito no início do capítulo de análise. Como auxílio, usarei as classificações de José Marques de Melo (2003) para categorizar os momentos de opinião em editoriais, comentários, etc.

Na terceira e última fase da Análise de Conteúdo, o pesquisador se dedica ao tratamento dos resultados e interpretações, buscando captar os sentidos, significados e inferências presentes no material coletado. Uma opção é realizar uma análise comparativa, observando as diferenças e semelhanças entre as categorias do jornalismo televisivo, como entretenimento, informação, educação, publicidade e outros, cada um com seus respectivos gêneros (SOUZA, 2004).

Nessa fase, o pesquisador deve interpretar e reportar os resultados encontrados. Conforme Bardin (2016), é possível fazer inferências sobre o emissor, o receptor, a mensagem e o canal, buscando compreender as várias dimensões da comunicação e suas implicações na construção do sentido.

Silva e Fossá (2015, p. 4) apresentam as etapas da Análise de Conteúdo proposta por Bardin e que foram utilizadas neste estudo.

- 1) Leitura geral do material coletado (entrevistas e documentos);
- 2) Codificação para formulação de categorias de análise, utilizando o quadro referencial teórico e as indicações trazidas pela leitura geral;
- 3) Recorte do material, em unidades de registro (palavras, frases, parágrafos) comparáveis e com o mesmo conteúdo semântico;
- 4) Estabelecimento de categorias que se diferenciam, tematicamente, nas unidades de registro (passagem de dados brutos para dados organizados). A formulação dessas categorias segue os princípios da exclusão mútua (entre categorias), da homogeneidade (dentro das categorias), da pertinência na mensagem transmitida (não distorção), da fertilidade (para as inferências) e da objetividade (compreensão e clareza);
- 5) Agrupamento das unidades de registro em categorias comuns;
- 6) Agrupamento progressivo das categorias (iniciais → intermediárias → finais);
- 7) Inferência e interpretação, respaldadas no referencial teórico (SILVA; FOSSÁ, 2015, p. 4).

5 ANÁLISE

Neste tópico, será aplicado o método de Análise de Conteúdo no material escolhido. São 7 momentos de jornalismo opinativo durante março de 2020 a janeiro de 2022.

A primeira etapa da Análise de Conteúdo, a leitura flutuante, é compreender as informações disponíveis. Acompanhei o Jornal Nacional durante os anos mencionados e todas as edições nos quais os momentos opinativos foram registrados estão disponíveis na plataforma GloboPlay.

Após registrar os momentos, o passo inicial para analisar o conteúdo dos momentos opinativos foi transcrevê-los. Foi utilizada a transcrição manual por mim escutando a eles, e posteriormente, refinei e corriji a escrita com o auxílio da página oficial do Jornal Nacional, que também disponibiliza uma transcrição. Em seguida, organizei os dados em um quadro para categorização inicial de cada um desses momentos.

Ao longo do tempo em que fui assistindo a estes momentos de opinião no JN, fiquei curioso com certas questões, que estão ligadas com os objetivos e questões mencionadas neste trabalho: quais são as características do Jornal Nacional no jornalismo opinativo quando o tema é a Covid-19? O resultado poderá especificidades do programa no contexto da pandemia.

Além do quadro de categorização inicial, a análise com cinco categorias formuladas por mim com base na Análise de Conteúdo. São elas: tom do editorial, enquadramento acerca da pandemia, críticas à postura do governo, responsabilização e argumentos de autoridade.

Essas categorias foram escolhidas por estarem em grande número nos momentos a serem analisados.

5.1 Quadro de categorias

A técnica de Análise de Conteúdo, como já foi dito, será feita com base em categorias que foram pensadas, discutidas e selecionadas pelo professor orientador.

As questões que norteiam essa monografia (quais são as características do jornalismo opinativo do Jornal Nacional e como elas contribuem para o telejornalismo?) podem ser respondidas com um quadro de categorização inicial (que poderá ser visto mais abaixo em cada um dos momentos de opinião) e com as categorias já mencionadas. Essa organização pode ser visualizada na Tabela 2.

Tabela 2 - Quadro de categorias: análise Jornal Nacional

CATEGORIAS	INDICADORES / PARÂMETROS
Tom do editorial	Tom de voz Expressões faciais Entonação
Enquadramento acerca da pandemia	Nível de ênfase na gravidade da crise Uso de estatísticas ou dados para respaldar a seriedade da situação Emprego de termos de urgência
Críticas à postura do governo	Identificação de críticas explícitas ou implícitas em relação às ações do governo Uso de linguagem negativa ou questionadora em relação às medidas adotadas pelo governo Menciona alguma falha específica na resposta do governo à pandemia
Responsabilização	Grau de atribuição de responsabilidade a diferentes partes Ênfase na importância do engajamento de cada indivíduo na superação da crise Uso de exemplos ou narrativas de ações responsáveis, ou irresponsáveis durante a pandemia
Argumentos de autoridade	Citação de especialistas, pesquisadores ou autoridades no assunto Referência a fontes confiáveis e reconhecidas Uso de dados estatísticos ou informações com embasamento científico

5.2 Análise do jornalismo opinativo do Jornal Nacional

Quadro 1 - William Bonner e Renata Vasconcelos pedem calma



Data	23/03/2020
Momento Opinitivo	Comentário
Tema Principal	Orientações durante a crise da Covid-19 e a importância da calma por parte do público
Duração	4 minutos e 34 segundos
Enquadramento	Plano médio

A análise começa com o primeiro momento opinativo registrado após o início da pandemia da Covid-19, que se iniciou em 11 de março de 2020. O momento abaixo foi registrado 11 dias após a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar que a Covid-19 se tratava de uma pandemia global.

No dia em questão, 23 de março de 2020, o Brasil registrava 1.891 casos confirmados da doença e 34 mortes¹⁸.

O momento opinativo foi categorizado como um **comentário** e exibido após a escala do programa, ainda no começo. Não foram exibidas notícias anteriormente, e após o comentário, foram exibidos os números atualizados de casos e mortes no país.

TRANSCRIÇÃO

¹⁸ G1,GLOBO. Casos de coronavírus no Brasil em 23 de março. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/23/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-23-de-marco.ghtml>>. Acesso em: 21 mai. 2023.

William Bonner: Antes de começar a apresentar as notícias de hoje, a gente vai fazer uma pausa. Porque é muita informação. Todo dia, o tempo todo. Sobre o coronavírus, sobre o desafio que o coronavírus impõe ao mundo todo. Então, você já viu as manchetes de hoje. Já sabe quais são os destaques. E a gente vai fazer essa pausa primeiro para dizer simplesmente o que a gente fica repetindo um para o outro aqui também. Calma. Não dá para começar o JN de hoje sem pedir calma.

Renata Vasconcellos: É isso. Assim como não dá para deixar de repetir que o mundo e o Brasil vivem sim uma crise que é grave, é muito grave. E para atravessar essa crise, as autoridades de saúde recomendam alguns cuidados especiais e a gente precisa prestar atenção a todos esses cuidados, não é?

William Bonner: Isso, mas olha o porquê dessa pausa aqui no JN hoje. A gente também precisa respirar. A gente precisa entender que essa crise vai ter altos e baixos, vai exigir sacrifícios, mas no fim, o Brasil e o mundo vão superar. Apesar da aflição, apesar da dor que muitas famílias estão enfrentando e outras ainda vão enfrentar, a gente vai superar esse momento junto. E vai ser mais fácil. Quanto mais a gente mantiver a calma.

Renata Vasconcellos: É isso. Além dos cuidados com a higiene, o principal pedido hoje para quem pode é ficar em casa até que venha a orientação para sair. Mas claro que alguns profissionais não podem cumprir essa ordem, né? Porque fazem um trabalho essencial, não podem parar. Isso vale para quem é profissional de saúde. Esses são heróis. São sempre os heróis. Mas é verdade também para quem recolhe o lixo nas ruas, para os policiais, para quem faz a manutenção da rede elétrica, da telefonia, por exemplo. E para muitos e muitos outros.

William Bonner: E também para os jornalistas e para os profissionais que ajudam os jornalistas a levar a notícia até você. Aqui na Globo são profissionais de muitas áreas. Sem esses profissionais, não teria Jornal Nacional, não teria programa nenhum do jornalismo da Globo. O jornalista é só uma categoria profissional entre muitas que não podem deixar de trabalhar.

Renata Vasconcellos: E o trabalho do jornalista é reunir informações para ajudar. Para deixar você atento, informado. Informação no momento desses é vital. É fundamental. É como lavar as mãos. Tem que lavar e a gente tem que se informar.

William Bonner: Mas repara uma coisa: quando a Globo aumentou o tempo diário que é dedicado ao jornalismo, foi exatamente para poder levar essa informação necessária, sem correria. É para você ver e ouvir o que está acontecendo e para você saber como deve agir para se proteger. E claro que a gente também tem medo de adoecer. Aqui não tem super-herói nem entre nós, jornalistas, nem entre os colegas das outras categorias que eu mencionei que trabalham com a gente. Não tem. E você talvez até já tenha se perguntado: “mas se é para se proteger, como é que tem tanta gente trabalhando ali no jornalismo da Globo”? Mas a gente aqui também procura se proteger da melhor forma possível para honrar o nosso compromisso profissional de informar, de esclarecer.

Renata Vasconcellos: Por exemplo, aqui na Globo, os profissionais da redação com 60 anos ou mais estão trabalhando de casa. Qualquer colega que tenha sintomas de gripe ou de um resfriado vai para casa também. Isso desde o dia 12 de março, né? E a gente tem cumprido

uma série de regras, de protocolo, justamente para se proteger. A limpeza dos microfones, a distância dos entrevistados para protegê-los e a nós mesmos também. A limpeza dos nossos equipamentos. Uma porção de regras que nem é o caso a gente ficar detalhando aqui.

William Bonner: Não é o caso. Então, olha, dito isso, com toda a serenidade, a gente quer agradecer muito o carinho de quem tem manifestado preocupação com os jornalistas neste momento. É um carinho enorme, muito obrigado. E com essa mesma serenidade que a gente está abrindo o JN de hoje. O Jornal Nacional vai começar agora a apresentar as principais notícias desta segunda-feira. É informação para todo mundo poder se proteger. Mantendo a calma a gente vai superar essa crise. Exatamente como as capas de todos os jornais estamparam hoje, você deve ter visto. Juntos, vamos derrotar esse vírus.

Enquadramento acerca da pandemia

Os apresentadores enfatizam a gravidade da crise, destacando que o mundo e o Brasil vivem uma situação muito grave. Eles ressaltam a necessidade de seguir as recomendações das autoridades de saúde e os cuidados especiais.

Críticas à postura do governo

Não há críticas explícitas à postura do governo no momento opinativo apresentado.

Responsabilização

Há uma ênfase no engajamento de cada indivíduo na superação da crise, transmitindo a importância da responsabilidade individual. São mencionados exemplos de profissionais essenciais que não podem parar de trabalhar, como profissionais de saúde, policiais e jornalistas, ressaltando a importância e responsabilidade desses profissionais..

Argumentos de autoridade

Os apresentadores mencionam que a Globo aumentou o tempo dedicado ao jornalismo para levar informações necessárias sem correria, transmitindo a ideia de que estão fornecendo informações confiáveis e embasadas. Eles mencionam que adotaram protocolos de segurança e higiene na redação, demonstrando o cuidado em fornecer informações de forma responsável.

Tom do editorial

O tom do editorial é de serenidade e calma, transmitindo a importância de manter a calma durante a crise do coronavírus. Os apresentadores expressam tranquilidade e empatia ao falar sobre a gravidade da situação. Nesse primeiro momento, não foram exibidos elementos gráficos.

Quadro 2 - Resposta à fala do então Ministro da Saúde Parte 1



Data	28/03/2020
Momento Opinativo	Editorial
Tema Principal	Crítica à postura do então Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, em relação à imprensa
Duração	42 segundos
Enquadramento	Plano médio

O segundo momento analisado é do dia 28 de março de 2020. Na época, o então Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, passou a condenar o isolamento e disse que a imprensa havia adotado um tom alarmista na cobertura da crise da Covid-19¹⁹.

No dia em questão, o Brasil registrava 3.928 infectados pela doenças e 113 mortes²⁰.

O momento opinativo foi categorizado como um **editorial**, já que deixa claro que é a opinião da emissora. Exibido no segundo bloco do programa. A primeira notícia do bloco contextualizou com uma reportagem a fala do ministro, e o editorial foi exibido logo após a matéria.

TRANSCRIÇÃO

¹⁹ UOL. Web pira com "jantada" que Ana Paula Araújo deu no ministro Mandetta no JN. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/29/para-web-a-jornalista-ana-paula-araujo-jantou-o-ministro-mandetta-ontem.htm>. Acesso em: 24 mai 2023.

²⁰ G1,GLOBO. Casos de coronavírus no Brasil em 28 de março. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/28/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-28-de-marco.ghtml>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

Ana Paula Araújo: O Ministro da Saúde encontrou uma nova maneira de agradar o presidente. Criticou o trabalho da imprensa. Afirmou que os meios de comunicação são “sórdidos” porque, na visão dele, só vendem se a matéria for ruim. Na pandemia de um vírus letal contra o qual não há medicamento ou vacina, é estarrecedor que ele não reconheça que o nosso trabalho, o trabalho de todos os colegas jornalistas, daqui da Globo, mas também de todos os veículos, é um remédio poderoso. Dar informação para que o povo possa se proteger. Há muitos trabalhos essenciais. Os médicos e enfermeiros em primeiro lugar. Mas nós jornalistas estamos nas redações e nas ruas arriscando a nossa saúde para cumprir nossa missão. E fazemos isso com orgulho.

Tom do editorial

O tom do editorial é de indignação e crítica em relação à fala do Ministro da Saúde. A apresentadora expressa sua surpresa e desaprovação diante das declarações do ministro.

Enquadramento acerca da pandemia:

O enquadramento acerca da pandemia é reforçado ao mencionar a gravidade do vírus letal para o qual ainda não há medicamento ou vacina.

Críticas à postura do governo:

Há uma crítica explícita à postura do então Ministro da Saúde por criticar o trabalho da imprensa e rotulá-lo como "sórdido". É mencionado que a imprensa desempenha um papel importante ao fornecer informações para as pessoas poderem se proteger.

Responsabilização

Não há uma ênfase direta na responsabilização de diferentes partes, mas a menção aos jornalistas arriscando sua saúde para cumprir sua missão sugere uma responsabilidade compartilhada na disseminação de informações e no enfrentamento da crise. O trecho “(...)é estarrecedor que ele não reconheça que o nosso trabalho, o trabalho de todos os colegas jornalistas, daqui da Globo, mas também de todos os veículos, é um remédio poderoso (...)”.

Argumentos de autoridade

Embora não haja citação direta de especialistas ou autoridades, a apresentadora reforça a importância do trabalho dos jornalistas como um “remédio poderoso” na disseminação de informações e proteção da população.

Quadro 3 - Reflexão sobre o impacto das mortes causadas



Data	06/05/2020
Momento Opinativo	Comentário
Tema Principal	Reflexão sobre o impacto das mortes causadas
Duração	1 minuto e 48 segundos
Enquadramento	Plano médio curto

O terceiro momento analisado é do dia 6 de maio de 2020. No dia, o Brasil tinha 126.218 infectados e 8588 mortos pela doença²¹.

O momento opinativo foi categorizado como um **comentário** e exibido no primeiro bloco do programa, após apenas a divulgação dos números da Covid-19.

A primeira notícia do bloco contextualizou com uma reportagem a fala do ministro, e o editorial foi exibido logo após a matéria. Apesar de não haver notícias exibidas antes do comentário, ele se encerra com um gancho para uma reportagem.

O comentário também não conta com críticas ao governo.

TRANSCRIÇÃO

²¹ G1, GLOBO. Casos de coronavírus e número de mortes no Brasil em 6 de maio. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/06/casos-de-coronavirus-e-numero-de-mortes-no-brasil-em-6-de-maio.ghtml>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

William Bonner: Você já nem deve lembrar, mas na quinta passada eram 5901 mortos. Os números vão aumentando desse jeito cada vez mais rápido, vão dando saltos e vai todo mundo se acostumando porque são números. Um número muito grande de mortes, de repente num desastre, sempre assusta. As pessoas levam um baque. Morreram mais de 250 pessoas em Brumadinho. É uma tragédia. Nos Estados Unidos, em 2001, morreram quase 3000 nos atentados do 11 de setembro. 3000. Assim, de repente. Mas quando as mortes vão se acumulando ao longo de dias e de semanas, como acontece agora na pandemia, esse baque se dilui e as pessoas vão perdendo a noção do que seja isso. 8000 vidas acabaram. Eram vidas de pessoas. Amadas por outras pessoas, pais, filhos, irmãos, amigos, conhecidos. Aí o luto dessas tantas famílias vai ficando só para elas, porque as outras pessoas já não tem nem como refletir sobre a gravidade dessas mortes todas que vão se acumulando todo dia, todo dia. Hoje são 8500, amanhã a gente não sabe. Quando é assim, o “baque” só acontece quando quem morre é um parente, um amigo, um vizinho ou uma pessoa famosa.

Tom do editorial: O tom do editorial é de consternação e preocupação. Os apresentadores expressam uma sensação de tristeza e choque diante do aumento contínuo no número de mortes pela COVID-19. Há uma abordagem emocional nas palavras “tragédia”, “baque”, “luto” e “gravidade”, a fim de transmitir a gravidade da situação e destacar a importância de valorizar e respeitar cada vida perdida.

Enquadramento acerca da pandemia: O enquadramento é focado nas consequências humanas da pandemia e na forma como as mortes estão se acumulando diariamente. O apresentador destaca a necessidade de reconhecer o impacto dessas mortes e evitar a perda de sensibilidade devido à constante exposição aos números. Isso se comprova no trecho “Aí o luto dessas tantas famílias vai ficando só para elas, porque as outras pessoas já não tem nem como refletir sobre a gravidade dessas mortes todas que vão se acumulando todo dia, todo dia” e na citação do número de mortos. Insira um trecho de fala que explicita o fato

Responsabilização: Nesse momento, não há uma ênfase específica na responsabilização de partes envolvidas. O foco principal é sensibilizar o público sobre a magnitude das mortes e a importância de valorizar cada vida perdida, independentemente de serem conhecidas ou famosas.

Argumentos de autoridade: Não há citação direta de especialistas, pesquisadores ou autoridades nesse momento.

Quadro 4 - O marco de 50 mil mortes por Covid-19 Parte 1



Data	20/06/2020
Momento Opinitivo	Comentário
Tema Principal	O marco de 50 mil mortes por Covid-19
Duração	2 minutos e 38 segundos
Enquadramento	Plano médio

O quarto momento analisado é de 20 de junho de 2020, quando o Brasil passou a marca de 50 mil mortes pela Covid-19²². Ele é caracterizado como um **comentário** e segue a linha do jornal de exibi-lo após a escalada do programa e a apresentação do número de casos e mortes pela doença.

TRANSCRIÇÃO

Renata Vasconcellos: É um marco trágico na pandemia, mais de 50 mil mortes. 50 mil. Uma nação se define como a reunião de pessoas que compartilham sentimentos, afetos, laços, cultura, valores, uma história comum. Empatia é a capacidade que o ser humano tem de se colocar no lugar do outro, de entender o que o outro sente. Uma nação chora os seus mortos, se solidariza com aqueles que perderam pessoas queridas. 50 mil. Diante de uma tragédia

²² G1. Brasil passa de 50 mil mortes por coronavírus, mostra consórcio de veículos de imprensa. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/20/brasil-passa-de-50-mil-mortes-por-coronavirus-mostra-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-sao-964-em-24-horas.ghtml>. Acesso em 25 mai 2023.

como essa, uma nação para, ao menos um instante, em respeito a tantas vidas perdidas. E é o que o Jornal Nacional está fazendo agora. Diante desses rostos que nós temos perdido desde março.

William Bonner: É um sinal muito triste dos tempos que nós vivemos, que a gente tenha que explicar essa atitude. Não para a imensa maioria do povo brasileiro, de jeito nenhum. Mas para uma minoria muito pequena, mas muito barulhenta. Para quem, o que nós fazemos, o jornalismo profissional deveria, se não fechar completamente os olhos para essa tragédia, pelo menos não falar dela com essa dor. O JN já pediu. Você lembra que a gente parasse para respirar, porque tudo vai passar. O JN já lembrou que as vidas perdidas não podem ser vistas só como números. E a gente repete mais uma vez: respira. Vai passar. A gente repete também: 50 mil não são um número. São pessoas que morreram numa pandemia. Elas tinham família, mães, pais, filhos, irmãos, tios, avós, famílias. Tinham amigos, tinham conhecidos, vizinhos, colegas de trabalho, como nós aqui somos. E nós, como nação, devemos um momento de conforto para todos eles.

Renata Vasconcellos: E para nós mesmos, porque nós somos uma nação. Como o Bonner disse, tudo isso vai passar. E quando passar, é a história com h maiúsculo que vai contar para as gerações futuras o que de fato aconteceu. A história vai registrar o trabalho valioso de todos aqueles que fizeram de tudo para combater a pandemia. Os profissionais de saúde em primeiro lugar.

William Bonner: Mas a história vai registrar também aqueles que se omitiram. Os que foram negligentes. Os que foram desrespeitosos. A história atribui glória e atribui desonra. E história fica para sempre.

Enquadramento acerca da pandemia: O enquadramento destaca a gravidade da situação, utilizando o marco de 50 mil mortes como um indicativo alarmante do impacto da pandemia. O texto ressalta a necessidade de reconhecer a dimensão humana por trás dos números.

Críticas à postura do governo: Há uma crítica implícita à postura do governo, mencionando que a história registrará tanto os esforços valiosos quanto as omissões e negligências. Embora não seja direcionada de forma explícita, a menção àqueles que se omitiram e foram negligentes sugere uma crítica indireta ao governo.

Responsabilização: O texto menciona que a história atribui glória e desonra, indicando

a importância de responsabilizar aqueles que falharam na resposta à pandemia. Essa responsabilização é colocada como algo que ficará para sempre na história.

Argumentos de autoridade: Não são apresentados argumentos de autoridade específicos nesse momento.

Quadro 5 - O marco de 100 mil mortes por Covid-19 Parte 2



Data	08/08/2020
Momento Opinitivo	Editorial
Tema Principal	O marco de 100 mil mortes por Covid-19
Duração	4 minutos e 19 segundos
Enquadramento	Plano médio

O quinto momento indica que o Brasil atingiu 100 mil mortes pela Covid-19, menos de dois meses depois do que foi registrado na marca de 50 mil mortes.

Caracterizado como um **editorial** pelo próprio Jornal Nacional, este momento foi o primeiro no qual o ex-presidente Jair Bolsonaro foi citado.

TRANSCRIÇÃO

William Bonner: Todo cidadão brasileiro tem o direito à saúde e todos os governantes

brasileiros têm a obrigação de proporcionar aos cidadãos esse direito. As ações dos governantes precisam ter como objetivo diminuir o risco de a população ficar doente. E não somos nós que estamos dizendo isso, é a Constituição Brasileira que todas as autoridades juraram respeitar. Está registrado no artigo 196. “A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem a redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”.

Renata Vasconcellos: Mas o Brasil está há 12 semanas sem um Ministro da Saúde e titular. São 85 dias desde o dia 15 de maio. Dois médicos de formação deixaram o cargo de Ministro da Saúde porque pretendiam seguir as orientações da ciência e o presidente Bolsonaro não concordou com essa postura deles.

William Bonner: Primeiro, o presidente menosprezou a Covid, chamou de gripezinha. Depois, quando um repórter pediu que ele falasse sobre o número alto de mortes, Bolsonaro disse que não era coveiro. Disse duas vezes “não sou coveiro”. Quando os óbitos chegaram a 5 mil, a resposta dele a um repórter foi um “e daí?”. Agora, o presidente repete que a pandemia é uma chuva e que todos vão se molhar. Ou que a morte é o destino de todos nós e que temos de enfrentar a doença como se fosse uma questão de coragem. Como se nada pudesse ter sido feito.

Renata Vasconcellos: Quando os cientistas defendiam o mundo afora o isolamento social como única medida capaz de conter o avanço dessa tragédia, os brasileiros viam o presidente criticar essa iniciativa diariamente, na contramão do bom senso daqueles governadores que defendiam. O resultado disso foram a confusão e a perplexidade de muitos cidadãos que ficaram sem saber em que acreditar e o isolamento capenga insuficiente para atingir plenamente o seu objetivo.

William Bonner: No Jornal Nacional, você viu aqui filas enormes de desesperados em busca de um leito salvador de UTI. Filas que se formavam e se formam porque os leitos não foram comprados a tempo e na quantidade adequada por prefeitos, por governadores e pelo presidente. Ou porque a falta de isolamento social deixou de achatar a curva de contaminados e sobrecarregou o sistema de saúde.

Renata Vasconcellos: Diante disso tudo, é necessário relembrar a Constituição, porque isso nos levanta uma pergunta importantíssima. Nós já mostramos o que diz o artigo 196. É dever das autoridades que governam o país implementar políticas que visem a reduzir o risco de doenças. E a pergunta que se impõe é: o presidente da República cumpriu esse dever? Entre os governadores e prefeitos, quem cumpriu? Quem não cumpriu? Mais cedo ou mais tarde, o Brasil

vai precisar de resposta para essas perguntas. É assim nas democracias e nas repúblicas em que todos temos direitos e deveres e onde ninguém está acima da lei.

William Bonner: Essa resposta vai ter que ser dada, principalmente em respeito às famílias de mais de 100 mil brasileiros mortos, porque eles não podem ser vistos só como números. O Jornal Nacional não vai se cansar de repetir. Essas vidas perdidas eram de brasileiros, como todos nós. Não eram pessoas que estavam fadadas a morrer por qualquer outro motivo. Elas morreram de Covid. Deixaram uma família em dor, amigos, colegas de trabalho, conhecidos. Nós não podemos nos anestesiar.

Renata Vasconcellos: 100 mil pessoas. Nós reconhecemos a dor de todos os que perderam alguém querido nessa pandemia. Nós respeitamos essa dor. E manifestamos a nossa solidariedade irrestrita por cada um.

Tom do editorial: O tom do editorial é crítico, questionador e responsabilizador. Os apresentadores expressam indignação diante da postura do governo em relação à pandemia, ressaltam a importância de seguir as orientações científicas e enfatizam a necessidade de responsabilização pelos atos e omissões que contribuíram para a gravidade da situação. Há também uma abordagem sensível ao mencionar a dor das famílias das vítimas e o reconhecimento da importância de cada vida perdida.

Enquadramento acerca da pandemia: O editorial aborda a grave situação da pandemia no Brasil, enfatizando o número de mortes e destacando a importância de reconhecer a dor e a perda das vítimas. Os apresentadores ressaltam a necessidade de enfrentar a pandemia com responsabilidade e relembram as medidas recomendadas pelos cientistas, como o isolamento social.

Críticas à postura do governo: O editorial critica a postura do presidente Bolsonaro em relação à pandemia, mencionando suas declarações minimizando a gravidade da doença, como chamar de "gripezinha" e demonstrar falta de preocupação com o alto número de mortes. Os apresentadores também citam a oposição do presidente ao isolamento social, o que teria gerado confusão entre os cidadãos.

Responsabilização: Os apresentadores questionam se as autoridades cumpriram seu dever de implementar políticas para reduzir o risco de doenças, incluindo o presidente da República, governadores e prefeitos. Eles ressaltam a importância de prestar contas e responsabilizar aqueles que foram negligentes ou desrespeitosos diante da gravidade da

pandemia.

Argumentos de autoridade: Os apresentadores mencionam a Constituição Brasileira, citando o artigo 196 que afirma que a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas. Eles utilizam esse argumento de autoridade para ressaltar a obrigação dos governantes em proporcionar saúde à população e enfatizar a importância de políticas que visem à redução do risco de doenças.

Quadro 6 - O marco de 500 mil mortes por Covid-19 Parte 3



Data	19/06/2021
Momento Opinitivo	Editorial
Tema Principal	O marco de 100 mil mortes por Covid-19
Duração	3 minutos e 1 segundo
Enquadramento	Plano médio aberto

O sexto momento acontece aproximadamente 10 meses depois do quinto. No dia 19 de junho de 2021, o Brasil completou 500 mil mortes pela Covid-19.²³

Ele é caracterizado como um **editorial**, e foi exibido após a escalada do programa e a atualização de casos e mortes.

TRANSCRIÇÃO

²³ G1. Brasil atinge marca trágica de 500 mil mortes pela Covid. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/06/19/brasil-atinge-marca-tragica-de-500-mil-mortes-pela-covid.ghtml>. Acesso em: 25 mai de 2023.

William Bonner: Em agosto do ano passado, quando o Brasil ultrapassou o registro escandaloso de 100 mil mortes pela Covid, o Jornal Nacional se manifestou sobre essa tragédia num editorial. Parecia que o país tinha superado um limite inalcançável, 100 mil mortos. Hoje são 500 mil. Meio milhão de vidas brasileiras perdidas. O sentimento é de horror e de uma solidariedade incondicional às famílias dessas vítimas. São milhões de cidadãos enlutados. Hoje, é evidente que foram muitos - e muito graves - os erros cometidos. Eles estão documentados por entrevistas, declarações, atitudes, manifestações. A aposta insistente e teimosa em remédios sem eficácia, o estímulo frequente a aglomerações, a postura negacionista e inconsequente de não usar máscaras e, o pior, a recusa em assinar contratos para a compra de vacinas a tempo de evitar ainda mais vítimas fatais.

Renata Vasconcellos: No editorial que marcou as 100 mil mortes, nós dissemos que era preciso apurar de quem é a culpa. Dissemos textualmente que esse momento chegaria. Desde o início de maio, o Senado está investigando responsabilidades. Haverá consequências. E a mais básica será a de ter levado ao povo brasileiro o conhecimento sobre como e por que se chegou até aqui. Quando todos nós olharmos para trás, quando nos perguntarem o que fizemos para ajudar a evitar essa tragédia, cada um de nós terá a sua resposta. A esmagadora maioria vai poder dizer, com honestidade e com orgulho, que fez de tudo, fez a sua parte e mais um pouco.

William Bonner: Nós, do Jornalismo da Globo, estamos há um ano e meio, com base na ciência, cumprindo o nosso dever de informar, sem meias palavras. Muitas vezes nós pagamos um preço por isso, com incompreensões de grupos que são minoritários, mas barulhentos. Não importa. Nós seguimos em frente, sem concessões. E seguiremos em frente, sem concessões. Porque tudo tem vários ângulos e todos devem ser sempre acolhidos para discussão. Mas há exceções. Quando estão em perigo coisas tão importantes como o direito à saúde, por exemplo. Ou o direito de viver numa democracia. Em casos assim, não há dois lados. E é esse o norte que o Jornalismo da Globo continuará a seguir.

Tom do editorial: O tom do editorial é de indignação, responsabilização e compromisso com a informação embasada na ciência. Os apresentadores expressam frustração diante dos erros cometidos e da postura do governo em relação à pandemia. Eles reafirmam o compromisso do jornalismo em informar sem concessões e destacam a importância de proteger direitos fundamentais diante de ameaças como a saúde pública e a democracia.

Enquadramento acerca da pandemia: O editorial destaca a gravidade da situação da pandemia no Brasil, ressaltando o número de mortes, que chegou a meio milhão. Os apresentadores expressam horror diante dessa marca e manifestam solidariedade às famílias das

vítimas. Eles mencionam que houve erros graves no enfrentamento da pandemia, documentados por declarações, atitudes e manifestações, como a aposta em remédios sem eficácia, o estímulo a aglomerações e a postura negacionista em relação ao uso de máscaras.

Críticas à postura do governo: O editorial critica a postura do governo, mencionando a recusa em assinar contratos para a compra de vacinas a tempo de evitar mais fatalidades. Os apresentadores mencionam a insistência em remédios sem eficácia e a postura negacionista do governo em relação à gravidade da pandemia. Eles destacam a responsabilidade do governo nos erros cometidos e sua recusa em adotar medidas efetivas para mitigar a propagação do vírus.

Responsabilização: Os apresentadores mencionam que o Senado está investigando as responsabilidades pela gestão da pandemia e afirmam que haverá consequências. Eles ressaltam a importância de apurar os culpados e destacam que o conhecimento sobre como e por que o país chegou a essa tragédia será fundamental. Os cidadãos também são incentivados a refletir sobre o que fizeram para evitar a tragédia e assumir a parcela de responsabilidade.

Argumentos de autoridade: Os apresentadores reafirmam o compromisso do Jornalismo da Globo em informar com base na ciência e sem concessões. Eles destacam que, embora haja diferentes perspectivas em muitos assuntos, em situações em que estão em jogo direitos fundamentais, como o direito à saúde e o direito de viver em uma democracia, não há espaço para relativizar ou dar voz a posições negacionistas.

Quadro 7 - Declarações de Bolsonaro sobre mortes de crianças com Covid-19



Data

06/01/2022

Momento Opinativo	Editorial
Tema Principal	Declarações de Bolsonaro sobre mortes de crianças com Covid-19
Duração	4 minutos e 19 segundos
Enquadramento	Plano médio

O sétimo momento vem num contexto em que a pandemia da Covid-19 já havia tido melhoras no Brasil com as vacinas. Entretanto, a vacinação em crianças ainda estava em fase inicial para a idade de 5 a 11 anos²⁴.

TRANSCRIÇÃO

William Bonner: As declarações do presidente Jair Bolsonaro sobre as mortes de crianças por Covid afrontam a verdade e desrespeitam o luto de milhares de brasileiros - parentes e amigos das mais de 300 vítimas de 5 a 11 anos. O presidente também desrespeita todos os técnicos da Agência Nacional de Vigilância Sanitária ao questionar qual seria o interesse da Anvisa com a autorização da vacinação de crianças. O interesse da Anvisa está expresso na lei que a criou: coordenar o Sistema Nacional de Vigilância Sanitária, em defesa da saúde da população. O 4º artigo da lei determina que a agência atue como entidade administrativa independente e que as prerrogativas necessárias ao exercício adequado de suas atribuições sejam asseguradas. Não é isso que o presidente tem feito ao ameaçar divulgar nomes de integrantes da Anvisa que aprovaram a vacinação infantil. E, agora, ao questionar a lisura do órgão.

Renata Vasconcellos: Por fim, as declarações do presidente Jair Bolsonaro contrastam com aquilo que prevê o artigo 196 da Constituição que ele jurou respeitar: a saúde é direito de todos os cidadãos – e dever do Estado. O governo Bolsonaro retardou a decisão sobre as vacinas para crianças desde o dia 16 de dezembro de 2021 até ontem, data limite imposta pelo Supremo Tribunal Federal. Convocou uma consulta pública estapafúrdia, porque remédios não podem ser aprovados pelo público leigo, mas por cientistas. Em razão dessa demora, as famílias brasileiras têm ainda que aguardar ao menos mais sete dias até a chegada das primeiras doses pediátricas. E como se não bastasse, hoje ele insistiu em atacar as vacinas.

William Bonner: O presidente Jair Bolsonaro é responsável pelo que diz, pelo que faz. Espera-se que venha também a ser responsável por todas as consequências daquilo que faz e diz.

Tom do editorial: O tom do editorial é de indignação e crítica em relação às declarações do presidente Bolsonaro. Os apresentadores expressam preocupação com o desrespeito às vítimas e suas famílias, assim como aos técnicos da Anvisa e à legislação vigente. Eles enfatizam a responsabilidade do presidente e sua expectativa de que ele seja responsável por suas palavras e ações.

²⁴ Governo do Brasil. Ministério da Saúde inclui crianças de 5 a 11 anos na campanha de vacinação contra a Covid-19. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/janeiro/ministerio-da-saude-inclui-criancas-de-5-a-11-anos-na-campanha-de-vacinacao-contra-a-covid-19>. Acesso em 25 mai 2023.

Enquadramento acerca da pandemia: O editorial destaca as declarações do presidente Jair Bolsonaro em relação às mortes de crianças por Covid, considerando-as uma afronta à verdade e um desrespeito ao luto das vítimas e suas famílias. Os apresentadores também mencionam o questionamento do presidente em relação ao interesse da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) na autorização da vacinação de crianças.

Críticas à postura do governo: O editorial critica o presidente Bolsonaro por desrespeitar os técnicos da Anvisa e questionar a lisura do órgão. Os apresentadores destacam que o presidente ameaçou divulgar nomes de integrantes da Anvisa que aprovaram a vacinação infantil, indo contra as prerrogativas e a independência da agência.

Responsabilização: Os apresentadores afirmam que as declarações do presidente têm consequências, e esperam que ele seja responsável por todas as consequências de suas ações e palavras. Eles ressaltam a responsabilidade do presidente pelo que diz e faz, e indicam que ele deve assumir as consequências de suas atitudes.

Argumentos de autoridade: Os apresentadores citam o artigo 196 da Constituição, que estabelece a saúde como direito de todos os cidadãos e dever do Estado, para confrontar as declarações e ações do presidente Bolsonaro em relação à vacinação infantil. Eles também mencionam a lei que criou a Anvisa e suas atribuições, reforçando a importância de respeitar e seguir os princípios e prerrogativas estabelecidos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia teve como objetivo analisar quais foram as características do jornalismo opinativo do Jornal Nacional quanto à Covid-19, além de descrever e avaliar as características e contribuições do telejornal para o debate público.

O capítulo 2 aborda a história do telejornalismo e a importância que teve no Brasil desde sua chegada, ainda no século passado. Esse capítulo também descreve as características do jornalismo opinativo no impresso e na televisão, também apresentando o telejornal que viria a ser analisado.

Logo após, o capítulo 3 promove uma discussão com outros trabalhos que tiveram objetivos semelhantes e analisaram conteúdos opinativos no formato. Ainda neste capítulo, é exibido um histórico do Jornal Nacional, com foco em outros momentos da história em que o jornalismo opinativo esteve presente no programa.

No quarto capítulo, é abordado o método adotado na pesquisa e os procedimentos vivenciados, sendo a Análise de Conteúdo proposta pela autora Bardin, o enfoque principal.

O capítulo 5 é quando acontece a Análise de Conteúdo, feita a partir de um quadro de categorias, organizado a partir das categorias estipuladas pela orientadora e por mim, chamadas “Tom do editorial, enquadramento acerca da pandemia, críticas à postura do governo, responsabilização e argumentos de autoridade”, com os indicadores e parâmetros divididos para cada uma das categorias.

Por fim, o capítulo 6 sintetiza estas conclusões da análise e apresenta as minhas perspectivas quanto ao jornalismo opinativo do Jornal Nacional.

As categorias e os parâmetros foram utilizados para analisar o conteúdo dos sete momentos opinativos do Jornal Nacional quanto à Covid-19, entre 2020 e 2022.

Foi verificado a partir da categoria “tom do editorial”, o tom geral adotado pelos comentários e editoriais do telejornal. Analisar o tom permitiu identificar a postura adotada pelo telejornal e compreender como ele aborda e influencia a percepção dos telespectadores sobre a situação da pandemia.

Já a categoria sobre o enquadramento acerca da pandemia, referiu-se sobre à seleção e ênfase de determinados aspectos, como o impacto na saúde pública, na economia, nas relações sociais, nas políticas governamentais, entre outros. Analisar o enquadramento possibilitou entender quais aspectos eram destacados ou negligenciados nos momentos opinativos, influenciando a percepção e compreensão do público sobre a pandemia.

Quanto às críticas à postura do governo, essa categoria diz respeito às críticas feitas pelo Jornal Nacional em relação à postura do governo em lidar com a pandemia. Inclui análises e comentários que questionam ou apontam falhas, omissões ou acertos

na condução das políticas e medidas relacionadas à Covid-19. Essa categoria permitiu identificar a perspectiva do telejornal em relação às ações e decisões tomadas pelas autoridades governamentais.

Na categoria responsabilização, foi abordada a questão da responsabilização por parte do JN em relação à pandemia, com a identificação e atribuição de responsabilidades por eventuais erros, negligências, ineficiências ou boas práticas no enfrentamento da Covid-19. A análise da responsabilização deu a chance de compreender como o telejornal aponta culpados ou responsáveis por determinadas situações e contribui para a formação da opinião pública.

Na última categoria, os argumentos de autoridade envolvem utilizar fontes ou especialistas reconhecidos e credíveis. Analisa como o telejornal recorria a autoridades científicas, médicas, institucionais, entre outras, para respaldar suas afirmações e opiniões em relação à pandemia.

Diante da análise realizada e segundo o referencial teórico apresentado, observou-se que o Jornal Nacional adotou um tom editorial frequentemente crítico em relação à pandemia, buscando informar de maneira direta e incisiva. O enquadramento acerca da Covid-19 revelou que o programa priorizou a divulgação de informações relacionadas à saúde pública, impacto econômico e políticas governamentais, entre outros aspectos relevantes.

Além disso, foram identificadas críticas contundentes à postura do governo no enfrentamento da doença, apontando erros, omissões e questionando as medidas adotadas. O telejornal também se mostrou engajado em responsabilizar os atores envolvidos pela condução da pandemia, identificando eventuais falhas e apontando responsáveis.

Com base nessas análises, é possível concluir que o jornalismo opinativo do Jornal Nacional desempenhou um papel relevante no debate público em relação à Covid-19, fornecendo informações, críticas e responsabilizando os envolvidos, como o governo de Jair Bolsonaro. A abordagem incisiva contribuiu para influenciar a percepção e compreensão do público sobre a pandemia.

Foi possível também concluir uma escalada no tom com a passagem do tempo. Os primeiros momentos opinativos na pandemia foram mais leves, com os últimos tendo um tom mais duro e de críticas incisivas.

Quanto à discussão do jornalismo opinativo no telejornalismo, acredito que o trabalho enriquece o entendimento sobre a dinâmica do assunto, abrindo caminho para investigações futuras e aprofundamento do tema. O jornalismo opinativo não costuma ser trabalhado no formato audiovisual, principalmente na televisão. Mas ele está presente.

REFERÊNCIAS

AITA, Pricila Aparecida. **Linguagem corporal à frente da bancada: a colaboração do não-verbal no telejornalismo**. Anagrama, v. 4, n. 2, p. 1-27, 2010.

BARROS, Alan; CONDE, Aline. **Jornal da Cultura: uma análise do modelo de telejornalismo opinativo e como a discussão deve ser inserida em um programa noticioso**. 2012.

BONNER, William. **Jornal Nacional: modo de fazer**. In: *Jornal Nacional: modo de fazer*. 2009. p. 247-247.

CURADO, Olga. **A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo**. Alegro, 2002.
DE ALMEIDA, Rebeca Trece; DA SILVA COUTINHO, Iluska Maria. **O espaço opinativo no Telejornalismo brasileiro: um estudo de caso sobre o SBT Brasil**. 2013.

DE MELO, Jose Marques. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Mantiqueira, 2003.

DE REZENDE, Guilherme Jorge. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. Summus Editorial, 2000.

DE SOUZA, José Carlos Aronchi. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. Summus Editorial, 2004.

GOMES, Itania Maria Mota et al. **Modo de endereçamento no telejornalismo do horário nobre brasileiro: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão**. In: XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Rio de Janeiro: UERJ. 2005. p. 54-72.

HAGEN, Sean Aquere. **A emoção como estratégia de fidelização ao telejornal: um estudo de recepção sobre os laços entre apresentadores e telespectadores do Jornal Nacional**. 2009.

JAMBEIRO, O. **A TV no Brasil no século XX**.

JAMBEIRO, Othon et al. **A radiodifusão sob o regime da Constituição de 1934**. In: VI Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicacion. 2002.

Kellyanne Alves. **Telejornalismo e suas fases: Brasil e Espanha**. In: ANAIS DO 16º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2018, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2018. Disponível em: <<https://proceedings.science/sbpjor-2018/papers/telejornalismo-e-suas-fases--brasil-e-espanha?lang=pt-br>> Acesso em: 23 mar. 2023.

KYRILLOS, Leny; COTES, Cláudia; FEIJÓ, Deborah. **Voz e corpo na TV: a fonoaudiologia a serviço da comunicação**. Globo Livros, 2006.

MATTOS, Sérgio. **A televisão no Brasil**. Salvador: Editora Inamã, 2000.

MELLO, Jaciara Novaes. **Telejornalismo no Brasil**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2009.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório**. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 39, p. 39-56, 2016.

MORGADO, Fernando. **Brasil: 70 anos de TV, 70 anos de telejornalismo**. Disponível em: <https://portal.comunique-se.com.br/brasil-70-anos-de-tv-e-telejornalismo/>. Acesso em: 16 mar. 2023.

NEVES, Ozias Paese; LIEBEL, Vinícius. **Os regimes militares no Brasil e na América do Sul—Historiografia e Perspectivas**. Revista Eletrônica da ANPHLAC, n. 18, p. 56-86, 2015.

PANIZA, Maurício Donavan Rodrigues; DAS NEVES SOUZA, Florentina. **A Opinião no Telejornalismo: uma Análise do Editorial no Jornal da Globo**. 2014.

PICCININ, Fabiana. **Notícias na TV Global: diferenças (ou não) entre o telejornalismo americano e o europeu**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/piccininfabiana-telejornalismo-ameicanoeuropeu.html> Acesso em: 1 abr de 2023.

PUGLISI, Maria Laura; FRANCO, Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2005.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Gêneros no telejornalismo**. MELO, José Marques de;

ASSIS, Francisco de (Org). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UESP, 2010.

ROSE, Diana. **Análise de imagens em movimento. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**, v. 2, p. 343-364, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. **Futebol, Metrôpoles e Desatinos**. São Paulo: Revista USP **Dossiê**, 1994. Disponível em: revistas.usp.br/revusp/article/view/26956. Acesso em: 25 jun. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa edições. 1977.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos**. Qualitas revista eletrônica, v. 16, n. 1, 2015.

TEMER, Ana Carolina. **A opinião no telejornalismo: uma análise sobre um gênero relutante**. 2009.

VASCONCELOS, Mariana Lima et al. **Caricatura no Jornalismo: O Gênero Opinativo em Prática.**

VIZEU, Alfredo. **O lado oculto do telejornalismo.** Florianópolis: Editora Calandra, 2005.

WILLIAMS, Raymond. **La Larga Revolución.** Buenos Aires: Nueva Vision, 2003.

ZAHAR, Jorge. **Jornal Nacional: A notícia faz história.** 2004.